

José Ribeiro Ferreira

Mitos das Origens - Rios e Raízes

PREFÁCIO

De tiragem curta, este pequeno opúsculo destina-se a apoiar a cadeira de Mitologia e Mitologia Greco-Latina e nasce da ordenação de anotações e tópicos que foram colhidos para a preparação das aulas e a que depois foi dado desenvolvimento. É por isso um livro ainda em formação, com lacunas, pontos quase só aflorados e que mereceriam abordagem mais ampla. Futuras edições colmatarão essas lacunas.

Mitos das Origens – Rios e Raízes é o primeiro volume de um projecto que correrá com o título genérico de “Fluir Perene” e conterà uma colecção de publicações, reconhecida pelo mesmo nome. Acolherá ela não apenas trabalhos de investigação, mas também de criação, de poesia, traduções de obras gregas e latinas, breves reflexões, curtas apreciações de livros. Basta que apresentem ligação, ténue que seja, com a cultura greco-romana – a seiva que perene flui ou rio que não pára de correr, que nunca é o mesmo, mas a todos banha e alimenta. Bagagem que faz parte integrante do baú da nossa mente, sem ela olharíamos as pessoas e as coisas de outra forma. Éramos de certeza outros. Nem sei se chegaríamos a reconhecer-nos.

A tradução dos passos da Teogonia de Hesíodo, salvo indicação em contrário, são de Ana Elias Pinheiro (Lisboa, INCM, 2005); a dos textos os dos poemas Atramhasis, Enuma elish e Gilgamesh pertence a José Nunes Carreira.

Coimbra, Março de 2008

José Ribeiro Ferreira

INTRODUÇÃO

Segundo Mircea Eliade (1953), todos os mitos são da era da criação. Seriam assim explicações da origem do mundo e da sua formação, a partir de um estado de desordem, de mistura ilimitada de elementos, de lodo, de noite.

Temos, pois, narrativas da degradação da humanidade: de uma Idade de Ouro caminha-se para a actualidade através de crimes, quedas, catástrofes; narrativas de diversos períodos do mundo separados por catástrofes, de que o dilúvio é um exemplo. Desse modo o mito pode ser considerado uma narrativa acerca da origem do mundo, incluída na ordenação dos contos que começam “era uma vez”.

Mitos largamente difundidos, aparecem sobretudo nas culturas do antigo Oriente: caso do *Génesis* do Antigo Testamento, da epopeia babilónia da criação do mundo, de vários mitos gregos. São mitos que apresentam uma estrutura narrativa simples: geração e sequência de gerações. Por exemplo, a *Teogonia* de Hesíodo, a partir de Caos, Terra e Eros; os mitos órficos com sua cosmogonia; Prometeu que dá origem ao homem.

Antes de prosseguir, algumas observações:

Os Gregos preferiam pensar o Caos mais como ausência e escuridão a considerá-lo amalgama ou massa informe e desordenada. Daí que o *kosmos* (‘ordem’) surja nesses escuro e ausência e não na desordem caótica que é comum a outros povos.

Assim o Mundo nasceria do nada, do que nunca tenha nascido e precede os primeiros seres ou elementos aparecidos. Em conformidade, deve-se falar em ‘gênese’, em vez do termo mais usual ‘criação’¹.

As entidades primordiais – ainda não elementos físicos – são forças geradoras ou têm poder de gerarem. Fazem-no por cissiparidade ou através de união amorosa ou cópula.

¹ Vide C. Ramnoux, *La nuit et les enfants de la Nuit dans la tradition Grecque* (Paris, Flammarion, 5^a ed.), p. 79.

ORIGEM DO MUNDO E DOS DEUSES: MITO PELÁSGICO

O mito pelásgico da origem do Mundo e dos deuses atribui papel fundamental a Eurínome, uma divindade feminina que, etimologicamente, significa ‘a que domina em grande extensão’ (de *eurys* “extenso” e *nomos* “lei”, que se liga ao verbo *nemein* “governar”, “dominar”).

Em Hesíodo (*Teogonia* 357 e 907-909) Eurínome é uma oceânide, filha de Oceano e Tétis, portanto da primeira geração de divindades, a dos Titãs. Terceira esposa de Zeus, da união dos dois nascem as três Cárites ou Graças, Aglaia, Eufrosine e Talia. Divindade das primeiras gerações divinas, do seu culto temos apenas notícia na Arcádia, onde aparece como divindade das águas (cf. Pausânias 8. 41.4-6), e em Figaleia, na Tessália, onde havia um templo cuja imagem de culto tinha figura humana da cintura para cima e forma de peixe na parte inferior. Ferecides transmite-nos outra tradição – ou é mesmo o seu autor – que dá Eurínome como consorte de Ofíon, o governante dos deuses antes de Cronos, versão a que alude também Apolónio de Rodes, *Argon.* 1. 503-506 (cf. texto 1).

Deusa de Todas as Coisas, brota nua do Caos². Ao verificar que não tinha sítio onde pousar os pés, dança para separar o céu do mar e, enquanto o fazia, deslocando-se para sul, apercebe-se do vento que, a cada passo seu, se forma atrás de si, como algo de distinto. Rodeia e abraça, ondulante, esse vento norte que lhe desliza por entre os braços e, de repente materializa-se na sua frente na figura de Ofíon (com evidente relação com o grego *ophis* ‘serpente’) – portanto, a Grande Serpente³. Como Eurínome dançasse cada vez com mais rapidez para aquecer-se, provocou em Ofíon (o Vento Norte, também chamado Bóreas) o desejo de a ela se unir, de modo a que ficasse pejada⁴.

Eurínome, sob a forma de pomba, foi então incubar na superfície das águas e depositou depois o Ovo Universal de que tudo nasce. Sete vezes Ofíon se enrola em volta desse Ovo, separa terra, céu e dá origem a todas as coisas que existem: as estrelas, a lua, a viagem do sol, os planetas; as montanhas, os vales e os rios; as plantas, os seres vivos e todos os animais; e cria ainda, para sua morada, juntamente com Ofíon, o Monte Olimpo. E assim tudo é criação de Eurínome. Mas Ofíon vangloria-se de ser o autor do Universo. Então verifica-se uma violenta luta entre os dois em que a deusa lhe calca a cabeça com o pé e o expulsa do Olimpo,

2 - Cf. Orph. Fr. 98, nº 29.

3 - Ofíon é uma divindade órfica. Cf. Apolónio de Rodes, *Argon.* 1. 503-506; Kern, *Orph. Frag.* 98, no 29.

4 - Esta capacidade reprodutiva do vento aparece também nas lendas das éguas que aparecem prenhas graças ao vento que por elas passa, quer se trate das éguas do rei de Ílion, Ericciónio (*Iliada* 20. 221-225), quer das éguas do vale do Tejo (Plínio 4. 35, 8. 67)

sepultando-o nas profundas cavernas da terra⁵. Subjacente a este confronto estará a tradição (órfica?) de que Eurínome e Ofíon teriam reinado sobre os Titãs antes de Cronos e Reia e de que este os superou e os expulsou do Olimpo?

Pelo menos, segundo esta explicação mítica, numa segunda geração de divindades primitivas, ao destronar Urano, Cronos expulsa do Olimpo Eurínome que se refugia no mar, embora outra versão, talvez órfica, refira que foram lançados no Tártaro. Dessa sucessão violenta nos informam os *Argonautas* de Apolónio de Rodes (cf. texto 1), ao relatar o canto de Orfeu sobre a estadia de Ofíon e Eurínome no «Olimpo coberto de neves» e «como, vencidos pela força de seus braços, cederam a honra / a Cronos e a Reia e mergulharam nas ondas do Oceano» (1. 503-508). E foi aí que ela e Tétis acolheram Hefestos e o acolheram e o ajudaram quando por ser coxo foi exposto pela mãe, como conta a *Ilíada* 18. 397-399:

.....Então teria eu sofrido dores no coração,
se Eurínome e Tétis me não tivessem acolhido ao colo,
Eurínome, filha do Oceano, rio que flui em sentido
[contrário.

Ainda não se falou de aparecimento do homem. Segundo este mito, o primeiro homem, de nome Pelasgo (“nascido da terra”), seria natural do solo da Arcádia e dele derivaram outros homens, os Pelasgos, a quem ensinou a construir casas (cabanas), a alimentarem-se de bolotas, a vestirem-se de peles (Pausânias 8. 1. 4-2.4). Segundo uma tradição arcádia, seria descendente de Zeus e Níobe e pai de Licáon, de quem nasceram cinquenta filhos de funestas consequências e que arrastariam o castigo das divindades, como veremos.

MITO HOMÉRICO DA ORIGEM DO MUNDO

Se o mito anterior já atribuía às águas papel de relevo, há uma outra explicação mítica que faz derivar o Mundo e as divindades da água – ou melhor, de duas forças cósmicas que os Gregos designavam pelos nomes de Oceano e Tétis.

Nos Poemas Homéricos, por seu lado, embora pouco haja neles que possa ser interpretado como especificamente cosmogónico ou cosmológico, Oceano e Tétis – não a Nereide que casa com Peleu e é mãe de Aquiles (em grego *Thétis*), mas a Titânide *Tethys*, filha de Gaia e Urano que Hesíodo também refere na *Teogonia* (244 e 1006) – simbolizam também aspectos

5 - Vide Apolónio de Rodes, *Arg.* 1. 496-505. Higino, *Fab.* 197 fala de um ovo que cai no rio Eufrates, é trazido pelos peixes para a margem, é aquecido pelas pombas, mas dele nasce Vénus que «superou todos os outros deuses em equidade e rectidão».

diversos do mar. Por exemplo, no Canto XIV da *Iliada* (vv. 198 sqq.), Oceano aparece como a origem de todos os deuses e criaturas e Tétis a mãe de todos os seus filhos. O passo que traduzo a seguir insere-se no famoso episódio do Canto 14 em que Hera, para seduzir Zeus, vai ter com Afrodite e lhe pede o amor e o desejo, alegando, no entanto, que pretende congregar Oceano e Tétis (14. 198-204):

Dá-me agora o amor e o desejo com que tu a todos
subjugas, tanto os imortais, como os homens mortais.
É que vou visitar, nos confins da terra fecunda,
Oceano, génese dos deuses, e a mãe Tétis,
Que em suas moradas me criaram bem e me estimaram,
recebendo-me das mãos de Reia, quando Zeus de voz
[potente
precipitou Cronos sob a terra e sob o mar estéril.
Vou visitá-los, para ver se ponho fim às suas indecisas
[querelas.

Mais adiante, quando Hera vai ter com *Hypnos*, o Sono, este responde-lhe que adormeceria facilmente qualquer deus, inclusive o próprio rio Oceano, «que é a origem de todas as coisas» (v. 247), mas não ousaria fazê-lo com Zeus Crónida, cuja cólera ele já provocara uma vez, também para ajudar Hera; teria então sofrido as consequências, não fora a protecção da Noite, que domina deuses e homens; foi ela que o livrou do castigo de pai dos deuses, quando este, por respeito, se conteve «para não fazer nada que desagradasse à Noite veloz» (v. 262).

A *Iliada*, no entanto, fala também de Oceano como origem do mar (*thalassa*, v. 195), se bem que o verso 195, desde Zenódoto, tem levantado dúvidas que me parecem indevidas⁶. Os versos da *Iliada* dizem mais precisamente que do Oceano de fundas correntes «todos os rios procedem e todo o mar, / todas as fontes e todas as nascentes profundas» (vv. 195-197)⁷. Chamo ainda a atenção para o facto de, nos versos citados, Oceano e Tétis habitarem «nos confins da terra fecunda», ou seja, rodearem-na, e para a ocorrência de uma fórmula, constituída pelo nome do mar e seu epíteto: “mar estéril” (v. 203).

Outro passo da *Iliada*, talvez mais complexo do que o anterior, tem interesse para o nosso objectivo, por aí aparecer também a distinção entre o mar como extensão líquida de água e o Oceano e pelo facto de aí aparecer também a noção de que Oceano rodeia a Terra. Refiro-me à famosa écfrasis do “Escudo de Aquiles”, no Canto 18 do referido poema. Descreve deste modo a primeira das cinco camadas que constituem o escudo (vv. 483-489):

Forjou lá a terra, o céu e o mar,

6 - N. Richardson, *The Iliad: A Commentary* VI – Books 21-24 (Cambridge, 1993), p. 69 ad l. 195

7 - Vide A. Lesky, *Thalatta* (Vienna, 1947), pp. 81-82.

o sol infatigável e a lua na plenitude,
e ainda quantos astros coroam o céu,
as Pléiades e as Híades, e a força de Orion,
e a Ursa, conhecida igualmente pelo nome de Carro,
que gira no mesmo lugar e espreita para o Orion,
e é a única a quem não coube tomar banho no Oceano⁸.

Seguem-se depois as outras quatro que incluem cenas de uma cidade em paz (cenas de casamento e de julgamento) e de uma cidade em guerra (cenas de combate e de cerco); cenas de lavra, de ceifa, de vindima e de pastoreio (ou seja as quatro estações do ano representadas pelas suas actividades mais significativas de cada uma); cenas de divertimento, como danças, recitações e acrobacias. E, a envolver todo este conjunto, encontrava-se o grande «rio Oceano na cercadura extrema de escudo tão bem lavrado» (18. 607-608).

Gostaria de chamar a atenção para o facto de aqui Oceano ser uma divindade que se distingue do mar (*thálassa*) e de acentuar a importância da descrição, já que – além de expressar conhecimentos astronómicos que omito⁹ – parece dar-nos uma ideia da representação do mundo no tempo de Homero, pensar que a Terra, cuja forma se não especifica, é plana e rodeada por Oceano, o rio Oceano. Esta visão de Oceano como deus que envolve todo o Universo é a mais corrente em Homero.

Passemos agora a Hesíodo, ou melhor à sua *Teogonia* – que será objecto da atenção mais demorada no próximo capítulo – para sublinhar que aí Oceano e Tétis – de novo a titânide e não a Nereide Tétis – fazem parte das divindades primitivas, nascidas de Urano (Céu) e Gaia (Terra), e aparecem como forças cósmicas e elementares, fenómenos ou acidentes da natureza que se vão personificando e tornando deuses.

Oceano, rio que em si mesmo acaba (*Teogonia* 242) – cujo nome primitivo pode ter sido Ogenos, não grego e anterior aos Gregos –, não é uma entidade geográfica, mas uma força cósmica que personifica a água que rodeava o Mundo, sobre a qual flutuava a Terra habitada, que na época arcaica grega era pensada como uma espécie de grande ilha no meio de um rio que a envolvia por inteiro¹⁰. Era assim a água primordial de que nasciam ou eram alimentados os rios e fontes¹¹. Distinguiu-se do mar, embora mais tarde venha com ele a identificar-se.

8 - Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 2003), p. 51.

9 - Por exemplo, o céu que cobre a terra e é coroado de astros; o sol infatigável e a lua cheia. Nomeia, além disso, várias constelações como as Pléiades, as Híades, Oríon, a Ursa Maior. Observa que todas elas mergulham no mar, com excepção da Ursa, «a única a quem não coube tomar banho no Oceano».

10 - Esta concepção aparece logo na *Ilíada*, na já referida écfrasis do “Escudo de Aquiles” (18. 478-608), que nos dá uma descrição do mundo conhecido de então: astros, mar, a cidade em paz, a cidade em guerra; cenas agrícolas, das quatro estações do ano; cenas de divertimentos, com o grande «Oceano / na cercadura extrema de escudo» a envolver tudo (vv. 607-608). Vide A. Lesky, *Thalatta*, p. 64.

11 - Cf. *Ilíada* 21. 195-197. Hesíodo, *Teogonia* 337-345 dá os rios como filhos de Oceano e Tétis, os

A titânide Tétis, por seu lado, simboliza a potência feminina do Mar, embora só mais tarde com ele apareça identificada – possivelmente pela primeira vez em Lícofron, *Alexandra* 1069. Mas em Hesíodo – ela que no Canto 14 da *Ilíada* é a mãe dos deuses (vv. 200-207) – parece ser apenas a mulher de Oceano¹². Destes dois deuses primordiais (vv. 337-370) nasceram os inúmeros Rios turbulentos e que correm ruidosamente (vv. 337 e 366), as incontáveis fontes e as muitas «Oceânides de belos tornozelos» (v.364): Hesíodo, embora especifique apenas um pequeno número, tanto dos primeiros, como das segundas, refere expressamente que ascendem a três mil nos seguintes versos (364-370):

..... São três mil as Oceânides de belos tornozelos
que, em locais diversos, vigiam a terra e as profundezas
[marinhas,
por igual filhas divinas e luminosas.
Outros tantos são também os rios que correm ruidosamente,
filhos do Oceano, que nasceram da augusta Tétis.

A *Teogonia* – quase poderíamos afirmar – praticamente mais não nos dá do que genealogias dos deuses, de modo que durante largos passos temos apenas séries de nomes. Como exemplos mais significativos refiro os Catálogos das Musas (vv.77 sqq.), das Nereidas (vv.240 sqq.) e das Oceânides (vv. 346 sqq) – respectivamente as filhas de Nereu e Dóris ou Dádiva e de Oceano e Tétis, cujos nomes têm a cada passo ligações com o mar e com actividades marítimas¹³. Os dois últimos catálogos são praticamente constituídos apenas por uma sucessão de cinquenta e quarenta nomes próprios, respectivamente, a que uma por outra vez se junta um epíteto e pouco mais¹⁴. E através deles temos afinal uma representação mítica das diversas actividades que se realizavam no mar, das muitas formas e variados aspectos que toma e com que se apresenta.

No fundo, em Homero e em Hesíodo, o rio Oceano é a fonte de toda a água doce (cf. *Ilíada* 21. 194-197), dado que, como observam Kirk-Raven-Schofield, a água é necessária à vida que, portanto, deve ou pode derivar directa ou indirectamente de Oceano¹⁵. A visão mais corrente em Homero, todavia, é a que dá Oceano como deus que envolve todo o Universo.

dois símbolos das águas primordiais, e enumera os principais rios conhecidos então e pela seguinte ordem: Nilo, Alfeu, Erídano, Estrímon, Meandro, Istro, Fásis, Reso, Aquelóo, Nessos, Ródio, Haliácmon, Heptáporos, Granico, Esepos, Simoente, Penéion, Hermo, Caíco, Sangário, Ládón, Parténio, Eveno, Ardesco, Escamandro.

12 - Vide M.L.West, *Hesiod, Theogony* (1966, repr. 1988), ad. l. 136.

13 - Vide M. L. West, *Hesiod: Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), p. 260.

14 - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.67.

15 - *Os Filósofos Pré-socráticos* (trad. Port. Lisboa, 1994), pp. 4 sqq.

Aliás era comum entre os Gregos, desde os mais remotos tempos, a ideia de que os fenômenos atmosféricos, os acidentes e elementos da natureza eram deuses. Essa visão está implícita, por exemplo, nos atributos que, desde os Poemas Homéricos e Hesíodo, e depois em textos posteriores — ou seja, desde os textos literários mais antigos que possuímos —, são concedidos aos deuses: Zeus é o deus dos fenômenos atmosféricos (o senhor do raio, do trovão, mas também da chuva); o sol era o deus Hélios, mais tarde substituído por Apolo por sincretismo; a lua era a deusa Selene que depois se sincretizou também com Ártemis, primitivamente deusa dos espaços exteriores. Dou um exemplo bem explícito deste visão mítica do universo, que vou buscar a Mimnermo, um poeta dos fins do século VII inícios do VI a. C. Explica ele deste modo a alternância dos dias e das noites (fr. 12 West):

Ao Sol coube em sorte trabalhar todo o dia,
sem ter descanso algum,
para ele ou para os cavalos, desde que a Aurora de dedos
[róseos
abandona o Oceano, para subir ao Céu.
Leva-o através das ondas o leito côncavo
e encantador, forjado, pelas mãos de Hefestos,
ornado de ouro, e alado; vai célere, a dormir sobre as águas,
desde as Hespérides à terra dos Etíopes,
onde estão o carro veloz e os cavalos,
até chegar a Aurora, filha da manhã.
Então sobe para o seu carro o filho de Hipérion¹⁶.

Este texto é muito significativo, porque enumera diversas divindades relacionadas com fenômenos naturais: o Oceano que, como vimos, é um rio que bordeja e envolve a terra; as Hespérides, ou “Ninfas do Poente”, que habitavam no extremo ocidente, perto da Ilha dos Bem-Aventurados, nas margens do Oceano (indicam, portanto, um local de felicidade, o “Jardim das Hespérides”); o Sol — aqui ainda Hélios, dado que a sincretização com Apolo apenas se verifica nos fins do século VI ou mesmo inícios do V a. C. —, filho do Titã Hipérion e da Titânide Tia, é irmão de Selene (a Lua) e de Eos (a Aurora de dedos róseos, filha da manhã), outra das divindades referidas no texto. Ora, segundo o poema de Mimnermo, o deus Hélios sobe no oriente para o carro puxado por cavalos alados, logo que a manhã avermelha (ou seja logo que surge a Aurora de dedos róseos), percorre todo o céu durante o dia e, à tardinha, chega às margens do Oceano. Aí entra para uma barca dourada (é essa a impressão de quem observa o sol quando mergulha no mar), o leito côncavo que o leva sobre as ondas até ao oriente, à terra dos Etíopes, onde de novo sobe para o carro veloz, para refazer mais uma vez todo o referido percurso. Assim se explica miticamente a alternância dos dias

16 - Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 2003), pp. 129. O exemplo de Mimnermo não é único evidentemente, Cf. e. g. Estesícoro, fr. 8 Page.

e das noites.

O mito da criação homérico acima referido é, no fundo, outra versão do mito pelágico, já que, como Eurínome, Tétis reinava no mar e Oceano envolvia o Universo, como Ofíon.

Esta versão da *Iliada* — embora difira do mito da *Teogonia* de Hesíodo, em que Urano e Gaia constituem a primeira geração divina (vv. 337-370), a que me referirei mais adiante — tem significativas semelhanças com uma cosmogonia órfica a que Platão (*Crat.* 402b) alude e de que cita dois versos:

Oceano de bela corrente foi o primeiro a iniciar os
[casamentos,
ele que desposou Tétis, sua irmã pelo lado materno¹⁷.

Em *Timeu* 40e — onde talvez esteja subjacente a mesma cosmogonia órfica —, Platão dá Oceano e Tétis como filhos de Urano ou Céu e de Gaia ou Terra, mas pais dos Titãs, de que fazem parte Cronos e Reia — um par teogonicamente essencial. Difere, portanto, da narração de Hesíodo, na *Teogonia*, onde são coevos e irmãos dos Titãs e não seus pais. É também o que aliás se deduz de *Iliada* 5. 898, onde os Titãs são filhos de Urano — portanto, como veremos, em concordância com a *Teogonia* de Hesíodo, em que Oceano e Tétis são Titãs como Cronos e Reia.

Outra originalidade do episódio do Canto 14 da *Iliada* reside na importância atribuída à Noite, a quem o próprio Zeus procura não ofender (vv. 258-262), embora seja um caso único nos Poemas Homéricos:

E Zeus ter-me-ia lançado do éter ao mar, para longe,
se a Noite, dominadora dos deuses e dos homens, não me
[salvasse.
Para ela vim em fuga, e Zeus deteve-se, apesar da cólera,
pois receava fazer algo que desagradasse à Noite veloz.

Aristóteles, na *Metafísica* (12, 1071b 27 e 14, 1091b 4), refere que alguns poetas arcaicos fazem da Noite o primeiro ser ou o primeiro governante. Esta afirmação do Estagirita concorda afinal com o passo da *Iliada*, acabado de citar, e com um catálogo ou teogonia reversa da *Teogonia* de Hesíodo (vv. 11-20), que, depois de referir os principais deuses olímpicos — como Zeus, Hera, Atena, Apolo, Poséidon, entre outros — conclui com os seguintes versos (17-21) que nomeiam a Noite em último lugar e falam da honra

¹⁷ - Estes dois versos, citados de Platão, não devem ser anteriores ao séc. V a. C. Vide G.S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos* (trad. port. Lisboa, Gulbenkian, 1994), p. 10.

de Latona e Jápeto, de Cronos, o de pensamentos maldosos,
da Aurora e do Sol ingente, da Lua brilhante,
da Terra e do grande Oceano, da Noite negra
e de toda a raça sagrada dos imortais, que duram sempre.

E assim esta enumeração reversa (ou seja, dos mais recentes para os mais antigos) coloca a Noite em última lugar – portanto como a primeira e mais antiga entidade cosmogónica.

É possível que a afirmação de Aristóteles possa ter sido motivada pelos passos de Homero e Hesíodo, mas pode ter em mente também versos ou poemas órficos. Parece ter havido relatos poéticos, talvez compostos nos finais do século VII ou VI a. C., que incluíam poesia órfica e faziam da Noite a origem do mundo¹⁸. No entanto, nem todas as cosmogonias órficas davam essa importância à Noite e a colocavam como primeiro estágio¹⁹.

Vejamos dois exemplos em que a Noite ocupa lugar de primazia: a cosmogonia das *Aves* de Aristófanes (vv. 693-702) e a do Papiro de Derveni.

A primeira, que é dos finais do séc. V a. C. (do ano 414, ou pouco antes), é um texto paródico que coloca o Caos, a Noite e o negro Érebo no início de tudo²⁰. Dou a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 2003), p. 362-363:

Ao princípio era o Caos, a Noite, o negro Érebo e o vasto
[Tártaro.
Não existia a Terra, o Ar nem o Céu. No seio ilimitado do
[Érebo,
a Noite de negras asas gerou, primeiro que tudo, um ovo sem
[germe,
donde, com o volver das estações, nasceu o almejado Eros,
de dorso faiscante com asas douradas, semelhante aos
nhos velozes como o vento. [torveli-
Foi ele que, unindo-se de noite ao Caos alado, no vasto
[Tártaro,
criou a nossa raça e a fez vir à luz em primeiro lugar.
De início não existia a raça dos imortais, antes que Eros tudo
[unisse.
À medida que se misturavam uns com os outros, nasceu o
[Céu e o Oceano,
a Terra e a raça imorredoura dos deuses bem-aventurados.

A referência a um ovo, como elemento característico dos relatos órficos tardios, começa

18 - Vide G.S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos* (trad. port. Lisboa, Gulbenkian, 1994), pp. 13-14.

19 - Vide G.S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos* (trad. port. Lisboa, Gulbenkian, 1994), pp. 17-21.

20 - Érebo está relacionado com as trevas subterrâneas ou obscuridade do mundo subterrâneo. Personificado, torna-se descendente do Caos e irmão da Noite

a aparecer nos finais do séc. V a. C., e talvez um pouco antes²¹.

No Papiro de Derveni, cuja teogonia órfica não pode ter data posterior a c. 500 a. C., o primeiro governante, Urano, é filho da Noite de quem Zeus também aprende os segredos do seu reinado (cols. X, vii)²².

Assim, para os Órficos, a Noite de asas de breu, cortejada pelo vento, depositou um ovo nas Trevas. Desse ovo nasce Eros (também se lhe dá o nome de Fanés) que dá origem ao Universo.

Segundo R. Janko, talvez as teogonias da *Iliada* e a órfica adaptem um mito que fazia das Águas primaciais, de quem a Noite seria a mãe, a origem do mundo²³. Tais teogonias prefiguram a ideia de Tales de que a água é a fonte de tudo e de que a terra flutua na água²⁴.

De onde deriva esta lenda da *Iliada* e por que razão difere da de Hesíodo, que trataremos a seguir? Não há razão para duvidar que mitos divergentes não tenham sido correntes, pelo que a primeira separação, antropomorfizada como luta, se verificou entre Céu e Terra, ou os aquáticos pais de Céu e Terra.

Os dois mitos são conhecidos no Próximo Oriente antes do primeiro milénio.

Na criação épica babilónica de *Enuma Elish* 1. 4, os pais dos deuses são o primordial Apsu, sua origem, e a feminina Tiamat, que os gerou a todos²⁵. A criação perfaz uma primeira parte, que é pequena em relação ao total. No princípio, antes de existir Céu e Terra, havia um par aquoso: o masculino Apsu — “águas subterrâneas» —; a feminina Tiamat, “mar”, que depois se transforma em massa de águas e monstro marinho feminino. Da união do casal primordial nasceram os deuses. Isto corresponde exactamente ao verso 201 do Canto 14 da *Iliada*, visto que Apsu apresenta a mesma entidade de Oceano, a água fresca que rodeia o mundo e é a fonte profunda de todas as nascentes e rios (*Iliada* 21.195-197), enquanto Tiamat personifica o mar salgado. A mistura das suas águas gerou os deuses, incluindo Anu (o Céu) e Ea (a Terra)²⁶.

Estas narrações – ou o que delas subjaz – influenciaram o *Génese* 1, em que os elementos básicos são não céu e terra, mas escuridão e águas profundas que Deus separa em águas superiores e águas inferiores, ao criar o firmamento. Recordo apenas esse começo do *Génese*, embora o não julgue muito necessário, já que, penso, todos os conhecem:

21 - Vide G.S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos* (trad. port. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994), p. 22.

22 - Sobre o Papiro de Derveni vide M. L. West, *The Orphic Poems* (1983), pp. 68-115.

23 - *The Iliad. A Commentary* IV, books 13-16 (Cambridge, 1992), pp. 180-182.

24 - J. Rudhardt, *Le Thème de l' eau primordiale dans la mythologie grecque* (Bern, 1971).

25 - J.B.Pritchard (ed.), *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament* (Princeton, 1969), 61. Faz-se, na parte final, uma referência mais desenvolvida ao *Enuma Elish*.

26 - Vide José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 111-112.

No princípio criou Deus o céu e a terra.

E a terra estava vasta e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo: e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz. E houve luz.

E viu Deus que a luz era boa: e fez Deus separação entre a luz e entre as trevas.

E Deus chamou a luz dia e as trevas chamou noite: e foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

E disse Deus: Haja um estendimento no meio das águas, e faça separação entre águas e águas.

E fez Deus o estendimento, e fez separação entre as águas que estão debaixo do estendimento, e entre as águas que estão sobre estendimento: e foi assim.

E Deus chamou o estendimento, céu: e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo do céu em um lugar, e apareça o seco. E foi assim.

E Deus disse: A terra produza erva verde, erva que dá semente, árvores frutuosas que dão fruto segundo sua espécie, cuja semente esteja nelas sobre a terra. E foi assim.²⁷

GÊNESE DO MUNDO: O MITO OLÍMPICO E MITOS FILOSÓFICOS

Difícil se torna separar estes mitos da gênese do Mundo e dos deuses, dado que se interpenetram, se cruzam. Como a mente humana gosta de organizar e arrumar, a cada passo forçando as fronteiras, fazemos esse esforço, embora com a consciência de que os mitos órficos são liana que com muita frequência aos outros se enlaçam indelevelmente.

Segundo os fragmentos órficos, enquanto a Terra-Mãe dormia, Urano olha-a com ternura e sobre as suas fendas mais secretas faz cair a chuva fértil. E foi assim que a Terra gerou as árvores, plantas e flores, os animais e as aves.

Mas essa chuva fez ainda correr os rios que, enchendo os lugares mais côncavos, originaram os lagos e os mares (cf. fr. 86).

Depois surgiram os deuses por uma personificação sucessiva dos fenômenos e acidentes da natureza, até ao aparecimento e afirmação dos deuses olímpicos.

O mito Olímpico da gênese das coisas e dos seres, de que depois vai derivar o mito filológico, tem uma das primeiras formulações na *Teogonia* de Hesíodo. Assim começa a narração da criação do mundo, dos deuses e dos homens (vv. 116-138):

Primeiro que tudo houve o Caos, e depois
a Terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto
[existe,
e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,
que amolece os membros e, no peito de todos os homens e
[deuses,
domina o espírito e a vontade esclarecida.
Do Caos nasceram o Érebo e a negra Noite
e da Noite, por sua vez, o Éter e o Dia.

27 - Tradução de João Ferreira Anes d' Almeida, *Bíblia Ilustrada* (Lisboa, 2006), p. 19.

A Terra gerou primeiro o Céu constelado,
com o seu tamanho, para que a cobrisse por todo
e fosse para sempre a mansão segura dos deuses
[bem-aventurados.

Gerou ainda as altas Montanhas, morada aprazível
das deusas Ninfas, que habitam os montes cercados de vales.
Ela gerou ainda o pélago estéril, de ondas impetuosas,
o Mar, sem o desejo do amor. Mas em seguida
da ligação com o Céu gerou Oceano, de profundos
[redemoinhos,
e Coios, Crios, Hipérion e Jápeto,
Teia, Reia, Témis e Mnemósine,
Febe de áurea coroa e a amorosa Tétis.
E depois destes nasceu o bem armado Cronos, de funestos
[pensamentos,
o mais terrível dos filhos, que detestou o pai florescente.²⁸

Hesíodo (*Teogonia* 139-146) dá-nos ainda, como filhos da Terra e de Urano, os três temíveis Ciclopes (cujo nome significa “de olhos redondos ou em círculo”), com um só olho na testa, ferreiros de profissão e construtores de muros colossais: Estéropes (“raio”), Brontes (“trovão”) e Arges (“relâmpago”)²⁹. Além destes, Hesíodo ainda atribui à união de Geia com Urano mais os seguintes três filhos, com forma semi-humana, gigantes de cem mãos e cinquenta cabeças (vv. 147-153): Coto (antepassado epónimo dos Cotos), Giges (“filho da terra”) ou Gigas (“gigante”), Briareu (“forte”) ou Égeon (cf. *Iliada* 1. 403). Todos, Ciclopes e Gigantes, constituem uma descendência terrível que o pai detestava.

O conhecido texto de Hesíodo acima transcrito — que termina com a enumeração dos filhos de Geia ou Terra e Urano ou Céu, constituída por seis Titãs (Oceano, Coios, Crios, Hipérion, Jápeto e Cronos) e outras tantas Titânides (Teia, Reia, Témis, Mnemósine, Febe e Tétis) — merece-nos algumas observações. O trecho contém uma série de nomes, em especial a partir do momento em que se fala da descendência da Terra. Estamos perante a poesia de catálogo, tão característica da época arcaica grega e que ocupa parte fundamental em Hesíodo. Podemos inclusive afirmar que a *Teogonia* quase não nos dá mais do que genealogias dos deuses, de modo que, durante largos passos, temos apenas séries de nomes. Como exemplos mais significativos refiro os Catálogos das Musas (vv.77 sqq.), das Nereidas (vv.240 sqq.) — e

28 - A tradução dos versos 116-130 é de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 2003), p. 108. A dos restantes á minha.

29 - São estes gigantes que mais tarde darão a Zeus, em recompensa de ele os ter libertado da prisão em que Urano o colocara (*Teogonia* 154-159), o raio e o trovão como símbolos do poder do deus (vv. 141 e 501-506).

Teriam sido os filhos destes três ciclopes que Ulisses teve de enfrentar no Canto 9 da *Odisseia* (vv.106-566). Cf. ainda Apolodoro 3. 10. 4.

A tradição dizia que os fantasmas dos Ciclopes habitavam nas cavernas do Etna. É-lhes atribuída a construção dos muros colossais dos tempos micênicos. Cf. Apolodoro 1. 1-2

das Oceânides (vv. 346 sqq) — respectivamente as filhas de Nereu e Dóris ou Dádiva e de Oceano e Tétis. Os dois últimos catálogos são praticamente constituídos apenas por uma sucessão de cinquenta e quarenta nomes próprios, respectivamente, a que uma por outra vez se junta um epíteto e pouco mais³⁰. Das Titânides talvez mereçam ser destacadas Témis e Mnemósine, como símbolos, respectivamente, do poder da Ordem do mundo, da lei e do equilíbrio eterno (Témis); do poder do Espírito ou «Memória que garante a vitória do espírito sobre a matéria instantânea e fundamenta toda a inteligência» (Mnemósine), como sublinha P. Grimal³¹.

Em outra observação pretendo sublinhar que estas primeiras divindades, bem como as de gerações subsequentes, se são seres divinos, aparecem ao mesmo tempo como forças elementares, fenómenos ou acidentes da natureza, característica naturalista que muitas delas continuarão a manter ao longo dos tempos: Terra, Céu, Mar, Montanhas, Oceano, Tétis, Hipérion, Sol (ou Hélios), Lua (Selene), Aurora (Eos) — estes três últimos personificações do fogo astral e filhos da titânide Teia e do Titã Hipérion³².

Feita já referência especial a Oceano e a Tétis, os dois personificação da água – Tétis a simbolizar a potência feminina do Mar e Oceano a personificar a água primordial que rodeava o Mundo, de que nasciam ou eram alimentados os rios fontes e sobre a qual flutuava a Terra habitada –, sublinhe-se agora também a relação com fenómenos da natureza existente nos três temíveis Ciclopes acima referidos, nascidos da Terra e de Urano, que, além de ferreiros de profissão e construtores de muros colossais, personificavam três aspectos das trovoadas: Estéropes (o raio), Arges (o relâmpago) e Brontes (o trovão).

A Mãe-Terra gerou ainda, com forma semi-humana, os seres das cem mãos, os Hecatonquiros: Coto (antepassado epónimo dos Cotos), Giges (“filho da terra”) ou Gigas (“gigante”), Briareu (“forte”) ou Égeon (cf. *Iliada* 1. 403)³³.

Podemos quase dizer que, na *Teogonia*, Hesíodo vê deuses em tudo o que se lhe apresenta como vivo na natureza e acredita nos poderes divinos. Se não tivesse fé nos deuses que descreve, toda a *Teogonia* não teria sentido. Ele quer escrever com os nomes divinos o que existe, vive e tem significado no mundo³⁴. É como se assistíssemos afinal a uma individualização e personificação sucessiva dos elementos, dos fenómenos e forças da natureza, dos acidentes físicos da Terra até nos encontrarmos na presença de deuses. Daí que possamos concluir que Hesíodo faz preceder à Teogonia uma Cosmogonia, racionalizando assim a criação do

30 - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.67.

31 - *A Mitologia Grega* (trad. port. Lisboa, 1989), p. 35.

32 - Note-se que Hipérion é também, juntamente com Hélios, deus-Sol e etimologicamente parece significar “o que caminha nas alturas” (se derivado de *hyper iôn*, ou “o deus que está por cima”, se relacionado apenas com *hyper*).

33 - Cf. Apolodoro 1. 1-2; Eurípides, *Crisipo*; Lucrecio 1. 250; 2. 991 sqq.

34 - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.72.

Mundo³⁵.

Uma terceira observação diz respeito ao sentido e evolução das descendências destes deuses primordiais.

A *Teogonia* distingue duas linhagens distintas: uma consagra o que há de negativo, sombrio, maléfico, violento e encontra-se personificada na descendência da Noite e do Érebo; a outra — simbolizada nos mitos de Urano, Cronos, Zeus — caminha no sentido da ordem e da justiça, eliminando e separando com o tempo o que é temível e negativo. Vejamos cada uma delas com mais pormenor.

No início havia a negra Noite e Érebo, que é seu irmão, as duas faces das trevas do Mundo: respectivamente, as das partes superiores e as das partes subterrâneas e inferiores. Os dois são entidades do Caos que, como observa Pierre Grimal, não é «o vazio inexistente e negativo dos físicos e dos sábios, mas um vazio que é todo ele poder e ‘matriz’ do mundo»³⁶. Embora esse classicista francês considere que se trata de um «vazio por inorganização e não por privação, vazio porque é indescritível e não porque não é nada». Eu diria antes que o Caos é nada potencial, vazio que contém em si todas as potencialidades de que se gera e faz o mundo.

A Noite começa por dar origem ao Éter — que é a luz brilhante e o fogo mais puro — e ao Dia, luz dos mortais. Depois, a geração da Noite caminha sempre no sentido da personificação do negativo: Destino, Keres, Morte³⁷, Sarcasmo, Miséria, as Parcas, Inveja, Engano, Velhice, Éris ou Luta que, por sua vez, gera Fadiga, Esquecimento, Fome, Dor, Combates, Massacres, Homicídios, Querelas, Mentiras, Disputas, Desordem, Desvario, e muitas outras personificações e figuras que se apresentam sempre como más e hostis na vida e na sociedade.

Na outra linhagem, assistimos a uma sucessão de soberanos dos céus que se mutilam e destronam até que Zeus assume o poder e impõe a justiça. A actuação de Urano e Cronos começa por ser violenta e cruel, mas com a ascensão de Zeus ao poder as coisas alteram-se³⁸.

Terríveis, como vimos, eram os filhos gerados pela Terra e Céu (Urano), diz Hesíodo (*Teogonia* 154-160), e por eles sentia o pai rancor, desde o primeiro dia. Por isso, mal nasciam ocultava-os nas entranhas da Terra, sem deixar que vissem a luz do dia.

Quantos tinham nascido da Terra e do Céu,

35 - Vide G. S. Kirk, "The Structure and Aim of the Theogony" in *Hesíodo et son influence* (Entretiens Fondation Hardt VII), p. 91.

36 - *A Mitologia Grega* (Lisboa, 1989), p. 32.

37 - São três palavras que se referem à morte. Mas em Hesíodo três diferentes palavras designam três diferentes coisas. Vide M. L. West, *Hesíod, Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), p. 207 ad l. 140.

38 - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, pp.75-76.

os mais temíveis filhos, todos odiaram o seu progenitor,
desde o início. Pois, quando estavam prestes a nascer, logo
os escondia a todos e os privava da luz,
nas entranhas da Terra. Este feito hediondo comprazia-o a
[ele,
o Céu; mas, ela, a enorme Terra, gemia, com as entranhas
cheias, e concebeu uma cruel e pérfida vingança.

E enquanto Urano se comprazia na sua malvadez, a Mãe-Terra nas suas profundezas gemia, e concebeu, urdiu um ardil pérfido e cruel, criando o branco ferro e com ele fazendo uma podoa, com a qual incitou os filhos a ajudá-la a punir a insolente crueldade do pai. Perante o receio de todos os outros, Cronos de pensamentos tortuosos, o mais novo dos Titãs, ofereceu-se para colaborar no castigo. Uma noite em que Urano, amoroso, envolvia a Terra, com a podoa corta-lhe os órgãos genitais que lança para trás de si. Dos salpicos de sangue que caíram na Terra nasceram as Erínias ou Fúrias, as Mélias ou Melíades (as ‘Ninfas dos Freixos’) e os Gigantes; dos órgãos que caíram ou atingiram o mar começa a surgir uma espuma de que nasce Afrodite a deusa da sedução e do amor.

E Cronos, o mais novo dos Titãs, passou a reinar e casa com a Titânide Reia. Mas não teve um comportamento menos cruel do que o de Urano. Da sua união com Reia nasceram vários «filhos gloriosos». Vejamos o texto de Hesíodo (vv. 454-458):

Héstia, Deméter e Hera de douradas sandálias,
O poderoso Hades que, sob a terra tem a sua morada,
com coração implacável; e o altissonante deus que abala a
[terra
e o prudente Zeus, pai dos deuses e dos homens,
sob cujo trovão treme também a vasta terra.



Saturno, de Rubens



Saturno, de Goya

Mas, ao ter conhecimento por Gaia e Urano (a Terra e o Céu) de que seria superado por um dos filhos, passou a engoli-los à nascença, até que Reia, ao chegar a vez de Zeus, foi suplicar aos pais, Gaia e Urano constelado, que a ajudassem a castigar a insolência de Cronos e a salvar o filho. Predisseram-lhe eles o destino do Uranida e aconselharam-na a enviar, por um lado, o filho Zeus, que ia nascer, para Creta onde é a própria Terra que o recebe para o «alimentar e criar na vasta Creta» (v. 480); por outro, a envolver em faixas uma pedra para a entregar, em vez do filho, a Cronos que, não detectando o dolo, devora essa pedra que a divina consorte lhe entrega.



Reia e Cronos. Relevo Romano

Reia protegeu a infância de Zeus, escondendo-o numa caverna em Creta e entregando-o aos cuidados das Ninfas e dos Curetas que, com o barulho das suas danças e escudos, encobriam os vagidos do recém-nascido. Alimentado aí pela cabra Amaltheia, quando ela morreu, Zeus conservou a sua pele e com ela fez mais tarde uma couraça, a égide ou “pele de cabra” (do substantivo grego *aix*, *aigós* “cabra”); um dos seus chifres foi transformado na cornucópia da Abundância.



Ninfa alimenta Zeus e Curetas dançam

Entretanto Zeus crescia em Creta e tornou-se vigoroso. Ao chegar à idade adulta, tentou destronar Cronos por meio da astúcia, propinando-lhe uma droga que o fez vomitar os filhos devorados. Assim descreve a cena Hesíodo, na *Teogonia* (vv. 492-500):

Rápidos cresciam depois o vigor e os gloriosos membros
do príncipe. Com o decorrer dos anos,
enganado por sucessivos conselhos dolosos de Geia,
lança fora a prole o grande Cronos de tortuosos pensamentos,
vencido pelas artes e força do seu filho.
Primeiro vomitou a pedra, devorada em último lugar.
Cravou-a Zeus sobre a terra de largas vias,
em Delfos divino, nos vales junto ao Parnasso,
memória para o futuro e maravilha para os mortais.

Com o apoio dos irmãos libertados, Zeus declara guerra a Cronos que de imediato é ajudado pelos outros Titãs. Assim se inicia a Titanomaquia que dura dez anos, até ao momento em que Gaia revela ao Crónida que obteria a vitória, se libertasse os filhos que Urano encerrara no Tártaro e Cronos mantinha presos — os Ciclopes e os Hecatonquiros ou Gigantes das cinquenta cabeças e cem braços (vv. 501-506 e 617-628). Foi com a sua ajuda e colaboração dos outros Crónidas que Zeus conseguiu vencer: agrilhoou Cronos e os outros Titãs, encerrando-os no Tártaro. Então, por conselho de Gaia, os outros Olímpicos exortaram Zeus de olhar distante a tomar o poder a a tornar-se soberano dos imortais. E foi também por sugestão de Gaia que o Crónida distribuiu entre os deuses olímpicos as honras e competências de cada um deles (Hesíodo, *Teogonia* 881-885).

E quando os deuses bem-aventurados terminaram a sua
[tarefa
e decidiram, pela força, as competências dos Titãs,
então, pediram, por sugestão da Terra,
a Zeus Olímpico que vê ao longe, que fosse soberano e reinasse
sobre os Imortais. E ele fixou-lhes as suas competências.

E assim a Titanomaquia substitui no poder os deuses primordiais, filhos de Gaia e de Urano, pelos Olímpicos — os filhos de Cronos e de Reia.

De qualquer modo, em Hesíodo, a substituição de Urano por Cronos e deste por Zeus não aparece apenas como uma sucessão violenta. É antes um caminho ascensional para a ordem estabelecida por Zeus que se identifica com o triunfo da Justiça³⁹.

Assim, na opinião de Hesíodo, Urano e Cronos foram derrotados como castigo da sua violência e injustiça. Zeus mostrou-se justo desde o começo e por isso o seu reinado foi duradouro.

³⁹ - Vide A. Lesky, «Griechischer Mythos und Vorderer Orient», *Gesamte Schriften*, pp.379-400.



A Titanomaquia, Vaso do Pintor de Brigos. Museu de Berlim

Na *Teogonia*, a justiça e a ordem, firmes e constantes, impostas por Zeus, aparecem por todo o poema. São o fundamento das considerações religiosas do poeta. Zeus é assim o que estabelece a justiça, «o que repartiu por igual todas as coisas entre os deuses» e fixou a cada um suas honras. E a ideia de Zeus como ordenador justo ainda terá mais relevo nos *Trabalhos e Dias* do que tem na *Teogonia*.⁴⁰

Em conclusão, como levam a pensar os desenvolvimentos cosmogônicos da *Teogonia*, Hesíodo ocupa-se das relações dos deuses e deusas entre si e com poderes mais primitivos, mas procura dar-lhes alguma ordem e fundamentar a autoridade e grandeza de Zeus, com base numa relação de Justiça.

Encontramos no Próximo Oriente mitos que narram uma evolução e relação semelhantes na sucessão dos soberanos dos céus: por exemplo, nos arquivos hititas apareceram textos (que se podem datar de 1400-1200 a.C.), como o Poema de *Kumarbi* e a *Canção de Ulikumini*; textos babilónicos, como os poemas *Atrahasis*, da primeira metade do segundo milénio, e *Enuma Elish*, datável talvez de c. 1125-1103 a.C.; versões hurríticas com idênticas narrações, que são anteriores a meados do segundo milénio a.C. Por outro lado, a história de Hesíodo da castração de Urano por Cronos, que termina a sua união com Gaia, apresenta paralelismos com a narração hitita de *Kumarbi* e com a teogonia fenícia, a de *Sanchuniathon*, preservada por Filon de Alexandria que, no entanto, apresentam ambos uma geração anterior à do deus-céu⁴¹.

É evidente que surge sempre a tentação de perguntar que relação podem ter os dados colhidos nos Poemas Homéricos, acima referidos, e a narração de Hesíodo com essas versões:

— Acaso influência oriental no mito grego se encontra reflectida nos Poemas Homéri-

40 - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.74-77.

41 - Alguns destes poemas são abordados com mais pormenor no último capítulo.

cos, na importância dada a Oceano e a Tétis?⁴²

– Será que vestígios da sucessão violenta dos soberanos dos deuses sobrevivem em Hesíodo?⁴³

– E o conhecimento dessas narrações por Hesíodo seria obtido através do pai que era originário da Ásia Menor?

– Viria por transmissão dos Fenícios?

– E por que razão pensar em débito de Hesíodo ou em influência nele por parte desses textos ou mitos?

Devemos recordar-nos que a faixa costeira da Ásia Menor nunca foi hitita; que a ocupação iónica só se torna definitiva por 800 a.C.; que não são muitas as certezas quanto ao papel dos Fenícios.

Não será mais sensato pensar que a tentativa de codificação das lendas sobre a gerações divinas primevas é comum a vários povos? Que tanto a *Teogonia* de Hesíodo como os textos ou poemas do Próximo Oriente se filiam nesse imenso caudal que procura explicar a origem do mundo de uma maneira mais ou menos coerente ao pensamento humano dessas épocas?⁴⁴

Vejamos agora a explicação para a origem do mundo e dos deuses que é dada por Ovídio nas *Metamorfoses* 1. 5-75. Segundo o Sulmonense, de início havia uma massa inform, confusa e desordenada – o Caos – um amontoamento de germens mal unidos e discordantes que nem era terra, nem ar, nem água, mas tudo isso misturado. Não havia ainda divindades, nem Titãs; a Terra não estava ainda suspensa no ar nem em equilíbrio; não a envolviam as águas (vv. 15-20):

Mas ainda que houvesse ali terra, e mar, e atmosfera,
a terra era então instável, as ondas não navegáveis,
e a atmosfera sem luz. Nada conservava a sua forma,
cada coisa opunha-se à outra, pois num mesmo corpo
o frio guerreava o quente, o húmido lutava com o seco,
o mole com o duro, o peso com a ausência de peso.

Um deus – Ovídio não o nomeia, embora em outros locais lhe chame *fabricator* e *opifex rerum*

42 - Vide Lesky, *Thalatta* (Viena, 1947), pp. 64-66 e 80-85 ; W. Burkert, *Die orientalisierende Epoche* (), pp. 88 sqq.

43 - Vide J. Rudhardt, *Le Thème de l' eau primordiale dans la mythologie grecque* (Bern, 1971), pp. 52 sqq.

44 - Vide Kirk, "The Structure and Aim of Theogony", in *Hésiode et son influence*, (Fondation Hardt, Vandoeuvres-Genève, 1960), pp. 63-95.

–, talvez o Demiurgo ou Ordenador dos Estóicos, separou do céu as terras e estas das águas, dividiu também o céu límpido do ar espesso (vv. 22-23), separou os diversos elementos (vv. 24-31):

Após os ter desembaraçado e extraído da escura massa,
uniu cada um ao seu lugar, em harmoniosa paz.
O fogo, a energia imponderável do céu convexo, pôs-se
a brilhar e fez para si um lugar no ponto mais alto.
O que lhe é mais próximo, pelo lugar e em leveza, é o ar.
A terra, mais densa que eles, arrastou partículas maiores,
e o seu peso puxou-a para baixo. A água, fluindo à volta,
tomou posse do último espaço e confinou o disco sólido.

Separados os diversos elementos que constituíam a massa informe inicial, o deus – ou *Fabricator* – deu forma redonda à terra e nela separou as forças ou fenómenos da natureza: assentou, nos seus devidos lugares, as névoas e as nuvens, os raios e os trovões, os ventos e as tempestades; formou os mares e as praias, as fontes e os rios, os lagos e as lagoas; estendeu as planícies e cavou os vales; elevou os montes e encheu de folhas as florestas (vv. 34-60). Depois de todo este assentamento terminado, ou de tudo ordenado, aparecem a luz celeste, ou o «éter puríssimo», e os astros, os seres vivos e os animais (vv. 67-75):

Sobre tudo isto colocou o éter puríssimo, desprovido
de peso, livre de quaisquer resíduos impuros da terra.
Mal tudo assim compartimentara com limites precisos,
quando as estrelas, há muito oprimidas por uma névoa
impenetrável, desataram a fervilhar por todo o céu.
E para que região alguma ficasse sem os seus seres vivos,
os astros e as formas de deuses ocupam o solo celeste,
as ondas couberam aos reluzentes peixes para lá viverem,
a terra acolheu os animais silvestres, o móvel ar as aves.

Se estivemos com atenção, demos conta de que, nestas lutas pelo domínio do Universo, entre forças mais primitivas e violentas e outras mais evoluídas e já dominadas pelo sentido de justiça, ainda se não falou do homem. Tudo se passa num plano superior, entre forças divinas, num plano cósmico, se assim se entender. O homem aparecerá mais tarde, modelado por Prometeu, filho de Jápeto – com autorização dos deuses, a cuja origem e evolução acabámos de assistir. E Prometeu faz o homem à imagem dos deuses e moldando-o com argila e água de Panopeia, na Fócida. Moldados os homens, Atena insufla-lhes vida. E esse aparecimento e evolução – nem sempre pacíficos e por vezes atribulados e sofridos – será o assunto do próximo estudo ou capítulo.

A CRIAÇÃO DO HOMEM - O DILÚVIO

INTRODUÇÃO

Ficava ainda por explicar a presença dos homens no universo. A sua criação, geralmente, não aparece atribuída à linha de Cronos, mas deriva de um outro Titã, Jápeto, e da ninfa Clímene — na versão mais conhecida, embora a mãe varie em outras versões⁴⁵. Da união nasceram quatro filhos, Atlas, Menécio, Prometeu e Epimeteu (Hesíodo, *Teogonia* 507-616). Interessam-nos aqui Prometeu e Epimeteu, o “Previdente” e o “Inábil” ou “Desastrado”. Mas não deixarei de fazer uma menção, rápida, aos dois mais velhos, Atlas e Menécio, ambos castigados por Zeus por terem tomado o partido dos Titãs.

Uma anotação mais longa, embora breve, sobre Atlas. Na Titanomaquia, luta ao lutar ao lado de Cronos e dos Titãs. Com a vitória dos Olímpicos, recebe de Zeus pesada condenação: sustentar, de pé, o céu para sempre, nos limites extremos do mundo ocidental, em frente ao jardim das três Hespérides, as donzelas dos pomos de ouro — jardim que aparece situado no Extremo Ocidente e os nomes das donzelas identificam-nas com o pôr-do-sol⁴⁶. E aí ficou para sempre, salvo no momento em que Hércules o substituiu para ele ir buscar as maçãs de ouro das Hespérides, que estavam guardadas pela Serpente, filha de Fórcis e Keto (Hesíodo, *Teogonia* 333-335). Talvez esse Jardim, como interpretam alguns, seja um símbolo do paraíso e as maçãs de ouro uma espécie de salvo-conduto para lá entrar.

Mais tarde, ao passar pelo sítio onde Atlas segurava o Céu, Perseu mostra-lhe a cabeça de Medusa e petrifica-o na cordilheira do Atlas que atravessa a África⁴⁷.



Atlas suporta o Mundo (Época romana tardia)

45 - Por exemplo, em Apolodoro, *Biblioteca* 2. 3 (cf. texto 13), ela é a oceânide Ásia. A mais citada é tadavia a ninfa Clímene.

46 - Cf. *Odisseia* 1. 52-54; Hesíodo, *Teogonia* 507 sqq.; Higino, *Fábulas* 150.

47 - Cf. Diodoro Sículo 4. 27; Apolodoro 2. 5. 11; Ovídio, *Metamorfoses* 4. 630-662.

PROMETEU E A HUMANIDADE

Prometeu, mais avisado, colocou-se do lado dos Olímpicos, como o seu irmão Epimeteu. Aliás, como o seu próprio nome indica (grego *Prometeus* — relacionado com *manthano* ‘aprender’, ‘conhecer’), era providente e conseguia um conhecimento antecipados das coisas. Com ele contrasta Epimeteu, o irmão, por ser “inábil”, “desastrado”, aliás como sugere o seu nome.

Apesar do apoio aos Olímpicos – e a Zeus que os liderou – Prometeu protagoniza com o pai dos homens e dos deuses relações nem sempre amistosas ou mesmo pacíficas, até mais vezes conflituosas. Com frequência tal acontece para ajudar ou proteger os homens.

Precisamente na primeira versão ou cristalização do mito que conhecemos – a de Hesíodo – é por amor aos homens e para os beneficiar que ele engana Zeus: durante um sacrifício solene que assinalava o momento da separação de homens e deuses, divide um boi em duas partes: numa esconde no estômago a carne e entranhas e cobre-as com pele; na outra coloca os ossos disfarçados por uma camada de gordura. Disse a Zeus que escolhesse e o deus, apesar de ter detectado o logro, decide-se pela segunda (cf. Hesíodo, *Teogonia* 535-557). Deste modo se explica também etiológicamente a razão de os Gregos, nos sacrifícios, queimarem aos deuses ossos e gordura e destinarem a carne e as vísceras a serem assadas para um banquete público dos que participam na cerimónia religiosa. É evidente que, para este procedimento dos Gregos, há subjacentes explicações de âmbito económico e social.

Vendo o logro, Zeus irritou-se com os homens e com Prometeu. Para os castigar retirou-lhes o fogo, sentenciando, segundo as palavras do irónico Luciano: «Que comam a carne crua»⁴⁸.

Prometeu auxilia-os de novo, roubando o fogo da “roda do Sol” ou da roda de Hefestos e levando-o para a terra, escondido no caule de uma férula (canafrecha ou caule oco de sabugueiro ou funcho gigante).

Zeus então foi mais drástico na punição que atinge ao mesmo tempo mortais e Prometeu. Aos homens enviou uma criatura feita pelos deuses e que era, portanto, uma dádiva de todos eles — Pandora. A Prometeu, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que todos os dias uma águia lhe fosse comendo o fígado, que se renovava incessantemente durante a noite. Zeus teria jurado que jamais o libertaria. Mas Hércules, passando por lá, matou a águia com uma seta. Zeus ficou orgulhoso com o feito do filho, mas, para não quebrar o juramento, obrigou Prometeu a usar um anel de ferro das grilhetas agarrado a um pedaço de pedra.

48 - Cf. Hesíodo, *Teogonia* 521-564; Luciano, *Diálogos entre Deuses* 1 e *Prometeu no Cáucaso* 3.

Com este mito, que ganhou notoriedade em todo o mundo, procuravam os Gregos explicar o aparecimento do fogo na terra. Além disso, Prometeu tornou-se ainda símbolo de diversos ideais.

Vimos já que Prometeu possuía dons de adivinhar ou de prever o futuro. Foi ele que disse a Hércules como apoderar-se das maçãs de ouro, ensinando-lhe que só Atlas poderia colhê-las no Jardim das Hespérides. Foi Prometeu que decifrou a Zeus um antigo oráculo relacionado com Métis: anunciava que ela geraria um filho mais poderoso do que o progenitor e que o Crónida, portanto, se com ela casasse, viria a ser por esse filho destronado e destituído do governo dos céus.

De início sem o dom de imortalidade, Prometeu recebeu-a do centauro Quíron, ao trocar com ele a sua condição de mortal. Ferido por uma seta de Hércules – o arco infalível e as setas mortíferas devido ao veneno da Hidra de Lerna –, o Centauro não podia suportar a dor e desejava morrer. Imortal que era, necessitava todavia que algum homem ou mortal aceitasse trocar a sua condição pela sua imortalidade de Quíron. Prometeu fez-lhe esse favor e Zeus sanciona a troca, até por ter acabado de obter do filho de Jápeto um grande serviço: a decifração de antigo oráculo que o vai desviar do casamento que tinha projectado com Métis, a que acima se aludiu. E assim o Japetida adquire a imortalidade.

Apontadas as linhas gerais do mito de Prometeu, vejamos agora a versão que nos aparece nos poemas de Hesíodo *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*, a primeira vez que o encontramos e precisamente com Jápeto e Clímene como seus pais. Em ambos os poemas a narração associa-o, embora sem culpa – só se ela vier de não ter conseguido que o irmão Epimeteu recusasse a dádiva de Zeus –, ao aparecimento da primeira mulher.

A narração, tanto na *Teogonia* (vv. 507 sqq.) como nos *Trabalhos e Dias* (vv. 47-105), começa com o castigo do protector dos homens: Zeus a amarrá-lo a uma coluna com grilhões e enviar-lhe diariamente uma águia para lhe devorar o fígado, com a sua consequente libertação por obra de Hércules (vv. 521-534):

A Prometeu fértil em engenhos prendeu-o com indestrutíveis
[laços
e dolorosas correntes colocadas no meio de uma coluna.
Depois, lançou contra ele uma águia de longas asas; ela
[comia-lhe
o fígado imortal, e ele crescia outra vez, todas
as noites, em tudo igual ao que, no dia anterior, comera a ave
[de asas velozes.
Mas o valente filho de Alcmena de belos tornozelos,
Hércules, matou-a, e afastou este terrível flagelo
do filho de Jápeto, libertando-o dos seus tormentos,

com o consentimento de Zeus Olímpico de trono sublime,
para que fosse ainda maior a glória de Hércules, nascido em
[Tebas,
que já antes se estendia sobre a terra que tudo produz.
Agindo assim, ele honrou o seu nobre filho
e, embora irritado, cessou a cólera que antes sentia,
por ele ter discordado dos desígnios do poderoso filho de
[Cronos.

Como razão para esse castigo de Zeus, Hesíodo aponta (vv. 535 sqq.) o dolo contra Zeus que Prometeu arquitecta, durante o sacrifício de um boi que prepara no momento em que homens e deuses se separaram em Meconá: as duas partes em que divide o animal, a das carnes e entranhas gordas, escondidas no estômago e sob a pele, e a dos ossos disfarçados com gordura; o convite a Zeus para escolher e a opção do pai dos homens e dos deuses pela última, apesar de ter percebido e não ignorasse o engano, ele «que conhece os desígnios imortais (vv. 553-557):

Com ambas as mãos levantou a branca gordura.
Ao mesmo tempo, enfureceu-se-lhe o espírito e a ira
[encheu-lhe o coração,
quando viu os ossos brancos do boi, num pérfido ardil.
Desde então, a raça dos homens que habita a terra
queima aos Imortais os ossos brancos, sobre altares
[fumegantes.

Se o mito pretende ser uma explicação etiológica, como vimos, para o facto de os Gregos nos sacrifícios queimarem os ossos para os deuses e assarem as carnes e vísceras para as distribuir em banquete público aos participantes na cerimónia religiosa, a consequência, para os homens, desta atitude de Prometeu foi o castigo a que Zeus os condenou, ao recusar o envio do fogo aos mortais. Mas mais uma vez o filho de Jápeto soube enganar o pai dos homens e dos deuses, roubando o fogo e trazendo-o no interior de uma férula (vv. 565-569):

Mas o nobre filho de Jápeto iludiu-o,
roubando o brilho do fogo incansável que se vê ao longe
numa cana oca. Assim, atingiu de novo o ânimo
de Zeus que amontoa as nuvens e irritou-se-lhe o coração
[querido,
quando viu, no meio dos homens, o brilho do fogo que se vê
[ao longe.

A consequência dessa irritação de Zeus foi criar, em lugar do fogo, um mal destinado

aos homens que seria tomado como benesse – a primeira mulher. Disse a Hefestos que com terra amassada modelasse um ser, dotado de voz e forças, com corpo belo e semelhante a uma virgem. Atena adornou-a e embelezou-a: veste branca, cingida à cintura, véu admirável na frente, diadema de ouro. Pronta a obra, Zeus ofereceu-a aos homens como um engano, já que dela saiu a “raça das delicadas mulheres”, um flagelo para os homens (vv.588-598):

O espanto apoderou-se dos deuses imortais e dos homens
[mortais
quando viram o duro engano, irresistível para os homens.
Pois dela provém a raça das delicadas mulheres,
flagelo terrível que habita entre os homens mortais,
não companheiras da Pobreza funesta, mas da Abundância.

Nos *Trabalhos e Dias* a narração não difere substancialmente da da *Teogonia*, apenas se sublinha o carácter maléfico que constituirá o presente da mulher para os homens e na alegria que em todos causará.

Acrescenta-se também ao trabalho de Hefestos e ao magistério de Atena, que lhe ensina as suas artes, o contributo de Afrodite e de Hermes – a primeira a dotá-la de graças e de desejo, o segundo a inculcar-lhe a arte da astúcia e do engano. A esta obra, que é mais refinada do que a da *Teogonia*, deram os deuses o nome de Pandora, por ser uma dádiva de todos os deuses⁴⁹.

Zeus manda Hermes oferecê-la a Epimeteu e este recebe-a, apesar de avisado por Prometeu para não aceitar nenhum presente vindo de Zeus. Aceita-a e, depois de sofrer as consequências, compreende: antes a raça humana vivia alheada dos males (vv.90 sqq.), mas, depois que Pandora destapou a arquinha, os males espalharam-se pelo mundo (vv. 80-95):

O arauto dos deuses deu a esta mulher o nome
de Pandora, porque todos os habitantes das mansões do
[Olimpo
doaram a dádiva, ruína para os homens comedores de pão.
Em seguida, concluído o engano difícil e sem remédio,
até Epimeteu envia o Pai dos numes o ilustre Argeifonte,
arauto veloz dos deuses, a levar a dádiva; e Epimeteu
não se recordou de que Prometeu lhe dissera para nunca

49 - O mito de Pandora é uma evidente explicação dos males no mundo: proibida por Zeus de abrir a arquinha onde o deus colocara os males, a curiosidade foi mais forte e logo os males se espalharam por todo o lado. A questão da Esperança oferece algumas dificuldades. Será ela também um mal, uma vez que se encontra também na arquinha dos males? Das várias explicações avançadas, parece-me ter razão a de Lesky, *História da Literatura Grega* (Lisboa, 1995), p. 125, ao sugerir uma outra versão do mito em que haveria vasilhas diferentes para os bens e para os males (cf. *Iliada* 24. 527). Hesíodo teria procedido à junção das duas vasilhas numa só. Vide M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I – Cultura Grega* (Lisboa, 2003), pp. 164-165 e nota 25.

aceitar qualquer dom vindo de Zeus Olímpico, mas lho
[mandasse
de volta, para que não viesse qualquer mal aos homens:
só depois de o ter recebido, quando já tinha o mal, se deu
[conta.

Antes de facto habitava sobre a terra a raça dos homens,
a resguardo de males, sem a penosa fadiga
e sem dolorosas doenças que aos homens trazem a morte.
Mas a mulhe, levanta com a mão a grande tampa da jarra,
e dispersou-os e ocasionou aos mortais penosas fadigas.

E desta forma Hesíodo responsabiliza Pandora por todos os males que assediam o homem, pelas doenças que trazem a morte – em última análise pela mortalidade humana.

A *Ilíada*, no conhecido episódio da ida de Príamo à tenda de Aquiles para solicitar a devolução do corpo do filho, parece ter também subjacente esta versão da jarra ou arca dos males, mas associa-lhe outra com as coisas boas ou bênçãos (24. 525-533):

Pois deste modo fiaram os deuses para os míseros mortais:
viverem entre aflições. Eles, porém, vivem sem cuidados.
É que duas vasilhas jazem no solo de Zeus,
com os dons: uma contém os males que nos dão e a outra os
[bens.
A quem Zeus tonitruante mistura a dádiva,
esse encontra ora o que é mau ora o que é bom.
Mas àquele a quem dá só desgraças, torna-o amaldiçoado,
e a funesta demência arrasta-o pela terra divina
e vagueia sem ser honrado quer por deuses, quer por
[mortais.

A versão da *Ilíada* alude apenas às duas arcas, uma com os males e outra com os bens, sem mencionar Pandora. Todavia é possível que o mito de Hesíodo tenha simplificado a versão mais corrente que contemplava as duas arcas, pertencendo a esperança à dos bens. Assim na versão dos *Trabalhos e Dias* de Hesíodo aparece incluída entre os males, por o poeta de Ascra ter reduzido as duas arcas a uma só⁵⁰.

Na versão de Hesíodo da criação da mulher, Prometeu não toma parte. Ela é fruto da imprevidência do seu irmão Epimeteu que aceita a oferta de Zeus, apesar de avisado a não o fazer.

Concordo com a afirmação de R. Graves, de que o relato de Hesíodo a respeito de Pro-

50 - Vide M. L. West, *Hesiod, Works and Days* (Oxford, 1978), 169-170.

meteu, Epimeteu e Pandora é uma história antifeminista, talvez da sua invenção⁵¹.

Pandora aparecia também como nome de uma deusa ctónica, por vezes identificada com Gaia, a Terra. É possível que tivesse começado por ser um epíteto da Terra-Mãe 'que tudo dá' e, como tal, surja representada na pintura de vários vasos a sair da terra. Mais tarde encontramos-la também como mensageira da Terra e símbolo da mulher (cf. Pausânias 1. 24. 7). Encontramos ainda Pandora como epíteto da Deusa-Mãe Reia e com esse nome venerada em Atenas e em outras cidades⁵².

Haverá possível relação entre a criação de Pandora e a de Eva, a partir da costela de Adão no *Génesis*? É geralmente aceite nas tradições de muitos povos que o homem existiu primeiro.

No século V a. C., encontramos outra estratificação ou cristalização do mito de Prometeu. Com base na ajuda que o Japetida dá aos homens e subsequente castigo de Zeus, compôs Ésquilo (se a obra lhe pertence) o *Prometeu Agrilhado* que devia fazer parte de uma trilogia que ajudou o mito a espalhar-se e a ganhar notoriedade. Em Ésquilo, com o nome do pai omitido, Prometeu tem por mãe, não Clímene, mas Gaia, identificada com Témis. A peça atribui a Prometeu a dádiva do fogo e – o que é inovação – a da esperança, nem sequer aludindo aos dados de Hesíodo de que, em consequência do ludíbrio dos lotes do sacrifício, Zeus havia retirado o fogo aos homens. A libertação do protagonista é atribuída conjuntamente a Hércules e também ao Centauro Quíron (vv. 1029-1032).

Na tragédia Prometeu aparece caracterizado como um rebelde obstinado que em nenhuma circunstância cede perante o poder tirânico de Zeus. Pela sua firmeza, contrasta com a subserviência de Oceano, de Hermes e de outras divindades.

Zeus, por seu lado, é o jovem tirano, inflexível e ingrato, que se excede, ao dar castigo duro demais a Prometeu, tanto mais que este o ajudara a tornar-se Senhos do Olimpo. Tenhamos em conta que estamos nos primeiros tempos de Zeus como soberano dos deuses. Possivelmente o Crónida suavizaria, nas outras peças da trilogia, a sua actuação e aprenderia a perdoar.

De qualquer modo, Prometeu é a personagem mais nobre e digna da tragédia: mantém silêncio enquanto o agrilhoam ou ante os adversários que estão ao serviço de Zeus. Lamentos só o solta quando fica sozinho ou na presença de Io, outra das vítimas de Zeus.

51 - *Os Mitos Gregos* (trad. port. Lisboa, 1990, vol. I), cap. 39, 8, p. 133.

52 - Cf. Hipónax 104. 48; Aristófanes, *As Aves* 971; Filóstrato, *Vida de Apolónio de Tiana* 6. 39. Sobre Pandora e as diversas divindades com esse epíteto vide M. L. West, *Hesiod. Works and Days* (Oxford, 1978), pp. 164-166.

Nestas versões mais antigas do mito, as de Hesíodo e de Ésquilo, Prometeu aparece apenas como benfeitor da humanidade e não como seu criador. Depois o mito evolui, recebe novas estratificações, e o filho de Jápeto começa a exercer um papel bem mais significativo do que o de puro benfeitor da humanidade – passa a ser frequentemente considerado como o criador dos homens.

Assim em Apolodoro (1. 7. 1) e nas *Metamorfoses* de Ovídio, Prometeu teria criado os homens, modelando-o com lodo à imagem dos deuses (1. 82 e 363). Cito o passo de Ovídio em que se fala da criação de um ser mais nobre, mais dotado de espírito sublime e capaz de dominar os restantes (*Metamorfoses* 1. 76-88):

Faltava ainda um ser vivo que fosse mais nobre e mais
[dotado
de actos elevados e capaz de exercer domínio sobre os
[outros:
assim nasceu o homem, quer o criasse com divino sémen
o artífice das coisas, como princípio de um mundo melhor;
quer a terra, flamante e recém separada do alto éter,
contivesse gérmens do céu seu familiar;
essa terra que o rebento de Jápeto modelou, misturando-a
com águas das chuvas, até lhe dar a figura de deuses que
[tudo governam;
e enquanto os outros animais, inclinados, olham a terra,
ao homem deu um rosto levantado e ordenou que olhasse
o céu e que levasse o rosto erguido para os astros.
Assim a terra, que antes era tosca e sem forma,
revestiu-se de figuras humanas desconhecidas,
[transformou-se.

Embora Ovídio aluda ao «artífice das coisas» (o *opifex rerum*), como criador do ser humano, em última análise Prometeu acaba por ter papel de relevo ou decisivo mesmo no seu aparecimento. E é elucidativa a forma como ele modela a figura humana – com barro amassado em água e moldando-a à imagem dos deuses.

Sedutora é a comparação que se pode estabelecer com criação da mulher, Pandora, por Hefestos e outras divindades. Fascinantes também os paralelismos que são avançados e se fazem com narrações relativas ao aparecimento do ser humano, quer as encontremos no Antigo Testamento (no *Génesis*), quer nos textos das regiões da Ásia Menor e da Mesopotâmia, quer em outros povos variados, e que serão referidas adiante.

DEGRADAÇÃO E CASTIGO DOS HOMENS

O tema do castigo para a degradação dos homens e sua actuação progressivamente injusta e a mergulhar na impiedade está estreitamente ligado ao Dilúvio. Conhecemos na Grécia Antiga mais do que uma calamidade assim chamada: dilúvios míticos gregos de Ogígia, de Atlântida e de Deucalião.

Abordarei os dois últimos, ambos ligados a filhos ou descendentes de Jápeto. A anotação relativa ao de Atlântida será mais abreviada. Conhecedor dos segredos profundos do mar, Atlas governava em um reino extenso, mais vasto do que a África e a Ásia Menor juntas, que ficava para lá das Colunas de Hércules, ou seja em pleno Atlântico actual. Era a famosa e enigmática Atlântida, de que fala Platão no *Timeu* 24d-25d e no *Crítias* 9-10, que se encontraria ligada por um fiada de ilhas, onde existiam árvores de fruto, a outro continente longínquo e não ligado à Europa⁵³. Constituía esse reino uma cadeia de montanhas que o envolviam por inteiro, com excepção de uma abertura para o mar, tornando assim a restante costa de difícil acesso. Essas montanhas cercavam uma planície central que o povo cultivava, a na qual construiu templos, palácios, termas, estádios. Como andavam em constantes guerras com os povos vizinhos, tanto a oriente como a ocidente, e actuavam com cupidez, crueldade, malvadez e injustiça, os deuses mandaram contra esse reino um cataclismo, tremores de terra e um dilúvio que num só dia tudo submergiu, tornando a navegação impossível no mar, devido aos baixios e ao muito lodo e lama que a ilha depositou.

Vejamos de seguida o Dilúvio de Deucalião, um dos filhos de Prometeu. Consorciado com Celeno ou Clímene, este Japetida, além de Deucalião, teve Lico, Quimereu e, por vezes, também Etneu, Hélen e Tebe. Com a sua capacidade de previsão, conseguiu o antecipado conhecimento do dilúvio que Zeus projectava enviar para aniquilar a raça humana, pelo que indica ao filho Deucalião o modo de se salvar da catástrofe, cuja origem entronca no horror de Zeus pelos crimes e pela impiedade dos homens ou filhos de Licáon — entre os quais uma refeição de um jovem dada ao próprio deus que se disfarçara de viajante e se misturara com

53 - Esta lenda da Atlântida pode não ser totalmente lendária e fruto da imaginação. Já tem sido identificada com a ilha de Faros no Egipto, com a Líbia ocidental, com um continente que estaria no Atlântico. Vide R. Graves, *Os Mitos Gregos* (trad. port. Lisboa, 1990), vol. I, cap. 39, ¶¶ 2-5, p. 131-32. A questão da Atlântida tem sido muito discutida, já deu origem a abundante bibliografia e uma consulta à Internet logo nos submerge com imenso caudal de portais sobre o assunto. Pierre Vidal-Naquet, *A Atlântida. Pequena história de um mito platónico* (trad. port. Lisboa, Teorema, 2006) dá-nos uma posição sensata sobre tão complexo tema.

eles para verificar o seu grau de insolência (Pausânias 8. 3. 1). É o desgosto com essa violência e injustiça que o decide a fazer cair sobre a Terra um grande dilúvio com intenção de eliminar toda a raça humana. Mas Deucalião, avisado por Prometeu, seu pai, constrói uma arca, enche-a de provisões e nela embarcam ele e a mulher, Pirra, filha de Epimeteu. É o chamado Dilúvio de Deucalião.

Mas suspendamos esta narração *in medias res*, para ver as coisas ou os dados do mito – melhor diríamos, as razões do castigo – *ab ovo*.

A narração do mito em Hesíodo já apresentou uma explicação para o aparecimento dos males – a aceitação de Pandora por Epimeteu e o acto dela em destapar a pequena arca que os deuses lhe deram. Em consequência disso os homens degeneram e tornam-se progressivamente mais injustos e insolentes. Uma degradação que aparece simbolizada em outro mito – o das idades dos metais que nos dá uma decadência constante: do ouro ao ferro, de uma idade feliz, sem sofrimento, que vivia em harmonia com os deuses e em que vigorava a lealdade e a rectidão, em que a primavera era permanente e a terra se desentranhava em produções e frutos sem cessar; a descida traduz-se num crescendo de violência e numa cada vez menor longevidade e corporiza-se na passagem do ouro à prata e desta ao bronze até uma idade do ferro. Então o homem atinge a degradação máxima, não há crime que não cometa: não há pudor, nem sinceridade, nem lealdade; antes campeiam o dolo, a traição, as insídias, a violência; o roubo e a rapina são correntes, a hospitalidade não é respeitada, os pais são maltratados pelos filhos, não há afecto entre irmãos; o homem já não encontra remédio de evitar o castigo.

O mito surge em vários autores, com destaque para Hesíodo (*Trabalhos e Dias* 106-201) e Ovídio (*Metamorfoses* 1. 89 sqq.).

Vou abordar aqui apenas o de Hesíodo, por conter especificidades que necessitam ser dilucidadas, a começar pelo número de idades ou raças que são cinco, com o acrescento da dos heróis, e não quatro como aparece em todos os outros. Em Hesíodo todavia, apesar das Cinco Idades e da intromissão da Raça ou Geração dos Heróis, o mito procura também exemplificar a degradação sucessiva da humanidade que vai acompanhando a descida de valor dos metais – uma decadência que aparece traduzida nas crescentes irreflexão, insolência e violência e sublinhada pela ausência do temor dos deuses, até um ponto em que, adiantada a idade do ferro, os progenitores serão desonrados, os hóspedes desrespeitados, os juramentos não serão cumpridos, a justiça estará na força. Então a Vergonha (*Aidôs*) e a Justiça (*Dike*), abandonando a vasta terra, partirão para o Olimpo, tornando a vida e coexistência impossíveis. Como refere Hesíodo nos versos finais do mito (vv. 200-201), «contra o mal não haverá

defesa»; para o homem, só «penosas dores restarão»⁵⁴.

A degradação dos homens provocou o desagrado dos deuses, em especial de Zeus. Resolvido a castigá-los, a opção acabou por recair no dilúvio, a punição de Zeus (para retomar a narração mítica) contra a insolência e impiedade dos filhos de Licáon, um dos descendentes de Palasgo, como já foi referido no capítulo sobre o mito pelásgico da origem do Mundo.

Embora a tradição lendária nos transmita mais dois heróis com o nome de Licáon – um filho de Príamo, que perece às mãos de Aquiles, e um filho de Ares e de Pirene, morto por Hércules, o que nos interessa para este mito das origens é o herói arcádio, filho de Pelasgo, o mais conhecido dos três. Sucede a seu pai Pelasgo no trono da Arcádia e tem de várias mulheres, muitos filhos – uma lista que varia conforme os mitógrafos, a ponto de uns falarem em cinquenta e outros em vinte e dois.

Licáon e os filhos eram de grande impiedade e um dia Zeus quis experimentar até onde ia a sua insolência: transformado em camponês, pediu-lhes hospitalidade. Então Licáon recebe-o, mas para saber se se tratava de um deus, dá-lhe a comer as carnes de uma criança ou de um refém que tinha na corte. Horrorizado e indignado, Zeus derruba a mesa e fulmina Licáon e todos os seus filhos. Escapa Nictino, o mais novo, que a intervenção de Gaia, a Terra, ainda consegue salvar. É este que sucede a Licáon no reino da Arcádia.

Outras versões configuram o destino de Licáon: uma delas corporiza o castigo infligido por Zeus na sua transformação em lobo (a versão que Ovídio seguirá); segundo outra, Licáon era piedoso e visitado a cada passo pelos deuses. Teriam sido os filhos os insolentes e ímpios que quiseram verificar se os convidados que o pai recebia eram deuses. Daí terem misturado carnes de uma criança na restante carne da refeição e o conseqüente castigo que recebem⁵⁵.

Hesíodo, contada a degradação da humanidade no símbolo mítico das idades, acima descrito, não refere o castigo do dilúvio ou outro – pelo menos nas obras que nos chegaram – e apenas o pode sugerir nestes versos conclusivos do mito (*Trabalhos e Dias* 197-201):

Então partirão para o Olimpo, deixando a vasta terra,
com alvas vestes ocultando o belo corpo,
para junto da raça dos imortais, abandonando os mortais,
a Vergonha e a Justiça. E as penosas dores restarão

54 - O mito das idades encontra paralelos em outros autores clássicos e outras culturas, mas de modo geral apenas apresenta quatro raças, em degradação sucessiva do ouro ao ferro. Hesíodo introduz a raça dos Heróis, entre a do bronze e a do ferro, e altera o sentido do mito, ou levanta dificuldades à sua interpretação. Embora essa intromissão pareça contradizer a interpretação do mito que perfilhei, penso que a sua introdução foi correctamente explicada por T. G. Rosenmeyer (1957: 253-285) e se deve a reminiscências históricas. Sobre o Mito das cinco idades em Hesíodo vide ainda *Hesíodo: Teogonia – Trabalhos e Dias* (Lisboa, INCM, 2005) “Prefácio” (p. 11) e H. Fränkel, *Early Greek Poetry and Philosophy* (trad. ing. Oxford, 1975), pp. 119-121.

55 - Cf. Apolodoro 3. 8. 1; Pausânias 8. 2. 1.

aos homens mortais. E contra o mal não haverá defesa.

A calamidade surge, porém, em outros autores clássicos e encontra grande desenvolvimento (ela e a insolência e injustiça dos homens que a motivam) nas *Metamorfoses* de Ovídio (1. 163-293), a fonte principal.

Aí os filhos de Licáon e seus descendentes – ou seja os homens – tornaram-se cada vez mais insolentes, mais cruéis, mais injustos. Júpiter – o nome romano do deus que corresponde ao Zeus grego – reúne então o concílio dos deuses e revela-lhes a cilada que lhe armara o filho de Pelasgo: resolvido a comprovar o comportamento dos homens, Júpiter percorre a terra disfarçado. Ao entrar no palácio de Licáon, por sinais revela a sua divindade. Enquanto o povo lhe dirige súplicas e o cumula de manifestações piedosas (1. 212-220), o rei zomba dessa crença e resolve experimentar se se trata de um deus: planeia assassinar Júpiter que era seu hóspede, durante a noite e durante o sono, e não contente com isso mata um dos reféns, manda-o cozinhar e servir no banquete com que honrava os hóspedes (1. 224-229). Então o deus lança o raio sobre o palácio e derruba-o, enquanto Licáon – que, aterrado, procura fugir – é transformado em lobo (1. 229-239). Mas Júpiter acrescenta não ser apenas Licáon e o seu palácio a merecer punição, já que por toda a terra campeia a Discórdia (1. 240-243):

Uma casa derruiu, mas não era só esta a casa que merecia
perecer; por onde a terra se espraia, reina, feroz, a Erínia.
Julgá-los-ias conjurados para o crime: todos devem sofrer,
quanto antes, o castigo que merecem. É a minha sentença.

Os outros deuses apoiam a decisão de Júpiter, mas manifestam todos a sua preocupação com o futuro aspecto da terra privada de mortais. O rei dos céus sossega-os, mas não desiste da ideia de punição. Pensa primeiro em lançar o raio, mas o receio de que o sagrado éter fosse tomado pelas chamas e de que o «extenso eixo do universo» fosse consumido, levou-o a optar pelo dilúvio, cuja descrição é feita de forma viva e impressionante (1. 259 sqq.), com o Noto pejado de águas a derramar densa chuva do céu (1. 262-269):

De imediato, encerra nas cavernas de Éolo o Aquilão
e todos os ventos que põem em fuga as nuvens amontoadas,
e solta o Noto. De asas ensopadas, o Noto de lá sai a voar,
de rosto medonho, coberto de uma névoa negra como o pez.
Pesada de nuvens negras é a barba, torrentes jorram das cãs,
na testa residem névoas, e asas e roupas vêem-se a pingar.
Mal com a mão espreme as nuvens suspensas até lá longe,
dá-se um estrondo, e densas nuvens derramam-se do céu.

Soprada pelo vento sul, a chuva cai em abundância, as águas tudo alagam, tudo cobrem. Os campos são arrasados. Os rios enchem, transbordam, inundam vales e planícies, precipitam-se para o mar, tudo levam na frente: arrastam colheitas e árvores, animais e pessoas, arrasam e submergem casas e santuários. Tudo esmaga a enxurrada, tudo oculta. Já não se distingue mar e terra: «Tudo era mar» (1. 292-293).

Todos os seres vivos pareciam ter sido destruídos, à exceção de Deucalião e Pirra que eram justos e amantes aos deuses, «ambos inocentes, ambos devotados crentes nos deuses» (1. 322-323 e 327). Aconselhados a recolherem-se numa arca que durante nove dias flutuou, até que Júpiter, vendo tudo imerso em água e que de tantos milhares apenas os dois restavam, ordena aos ventos que amainem, às nuvens que dispersem, às águas do mar e da terra que retomem os seus lugares. Assim acontece, e o mar volta a ter praias, as colinas voltam a emergir, os rios recebem de novo as águas correntes, a terra reaparece, as povoações ressurgem – o «universo fora restaurado» (1. 348). Cito os versos 343-348 do Canto primeiro das *Metamorfoses* de Ovídio:

Agora o mar tem litoral, o leito acolhe o rio, mesmo cheio,
[as torrentes descem e vêem-se despontar os montes,]
emerge a terra, crescem os montes, decrescendo as águas.
E após um longo período, as árvores exibem os cimos
desnudados, carregando o lodo deixado nas ramagens.
O mundo fora devolvido.

A arca de Deucalião e Pirra veio a pousar, quando as águas se retiraram, sobre um monte, cujo nome varia, segundo as versões – Parnaso, Etna, Atos, Óstris – mas a mais usual é a que dá o Monte Parnaso como local de aportamento.

Tranquilizados por uma pomba que enviaram em reconhecimento (cf. Plutarco, *Quais são os Animais mais astuciosos?* 13), Deucalião e Pirra saíram da arca. Ao verem-se sós, lamentam-se, ambos choram e Deucalião manifesta pena por não possuir as artes do pai Prometeu, para refazer a humanidade (Ovídio, *Metamorfoses* 1. 348-364). Oferecem um sacrifício a Zeus, dirigem-se ao Cefiso, com água aspergem as vestes e a cabeça e entram no santuário de Témis que estava coberto de musgos e tinha os altares sem fogo; ajoelham, beijam os degraus, fazem preces a Témis e suplicam que a raça humana fosse refeita e a terra repovoada (1. 374-380):

Ao chegarem à escadaria do templo, ambos se prostram
de cara no chão, e, temerosos, beijam as frias pedras.
Assim falaram: “Se com preces justas se deixam vencer
e enternecer os deuses, se a cólera dos deuses se aplaca,
diz, Témis, de que modo a perdição da nossa raça pode ser
reparada e traz auxílio, gentilíssima, ao mundo submerso.”

Zeus escutou as suas súplicas, enviou Hermes para lhes comunicar que lhes seria concedido o que pedissem. Témis então aparece-lhes em pessoa e deixa-lhes esta mensagem: «Saí do templo / e cobri a cabeça, desapertai as vossas cingidas vestes / e lançai para trás das costas os ossos da grande mãe» (1. 381-383).

Primeiro ficaram confusos e sentiram horror em praticar tal impiedade⁵⁶. Depois compreenderam que Témis se referira à Terra-Mãe e que os ossos eram as pedras que bordejavam o rio. Fizeram então como a deusa ordenara e lentamente as pedras lançadas por Deucalião começaram a transformar-se em homens e as atiradas por Pirra em mulheres⁵⁷.

Cito e transcrevo os versos 390-415 das *Metamorfoses* de Ovídio, em que o poeta relata a actuação piedosa, reverente e justa de Deucalião e Pirra, a descoberta que fazem do significado oracular das palavras de Témis e a sua decisão, receosa embora, em seguir os conselhos da deusa:

Até que o filho de Prometeu tranquiliza a filha de Epimeteu,
e tais palavras diz: “Ou a minha perspicácia me engana,
ou o oráculo não é ímpio nem exorta a sacrilégio algum.
A grande mãe é a terra; no corpo da terra, as pedras, julgo,
são os ossos; estas é que ela ordena lançar atrás das costas.”
A interpretação do marido impressionou a neta do Titã;
mas ela hesita no que esperar: a tal ponto não confiavam
ambos no conselho celeste. Mas haveria mal em tentar?
Afastam-se, cobrem a cabeça e desapertam as túnicas,
e arremessam as pedras, como ordenado, para trás de si.
As pedras (quem creria se não o atestasse a antiguidade?)
começaram a largar a dureza e a rigidez, e, com o tempo,
a amolecer, e, uma vez amolecidas, a assumir uma forma.
Depois, quando cresceram e uma natureza mais branda
lhes tocou, certa forma humana, ainda não muito clara,
podia perceber-se, mas como se esboçada em mármore,
ainda não acabada e parecidíssima com uma estátua a
[meio.

Porém, a parte deles de terra, impregnada de uma certa
humidade, transformou-se e passou a servir de carne;
o que era sólido e não podia dobrar-se torna-se ossos;
o que antes era veio, permanece com o nome de veia.
Em breve, pela vontade dos deuses, as pedras lançadas
pela mão do homem assumem o aspecto de homens,

56 - Numa versão mais antiga do Dilúvio, Témis renova a raça humana, sem prévia ordem ou autorização de Zeus. Portanto é possível que, numa versão primitiva, tenha sido ela, como Istar na Babilónia, a enviar o dilúvio. A atribuição a Zeus pertenceria a uma versão mais recente.

57 - Cf. Apolodoro 1. 7. 2; Ovídio, *Metamorfoses* 1. 348-415.

e o que foi atirado pela mulher, reformata-se em mulher.
Por isso somos uma raça dura que se mata a trabalhar,
e fornecemos provas da origem da qual nós nascemos.



Deucalião e Pirra refazem a humanidade (Rubens)

Assim foi refeita a raça humana. Quanto à outra vida, aos outros seres, aos «outros animais, nas suas formas diversas, gerou-os / espontaneamente a própria terra, depois que foi aquecida a humidade antiga / pelos raios do sol, depois que os campos encharcados e húmidos / se entumeceram por acção do calor», como diz Ovídio, *Metamorfoses* 1. 416-419.

MITOS DA CRIAÇÃO EM OUTROS POVOS

O mito do Dilúvio de Deucalião tem paralelos com narrativas da Ásia, da região da Mesopotâmia: com narração bíblica de Noé, com as descrições que encontramos no *Gilgamesh* e no poema babilónico de *Atramhasis*. Significarão essas semelhanças uma origem idêntica? Apenas algumas considerações e anotações sobre aspectos que os possam relacionar.

Começamos pela aproximação do Dilúvio de Deucalião com o relato do *Génesis*. A calamidade aparece nos dois como uma consequência da maldade e iniquidade dos homens (cf. *Génesis* 6. 5-11). Nos dois, o vento forte é que faz baixar as águas (cf. *Génesis* 8. 1). Deucalião envia uma pomba, para se certificar de que a terra já está liberta e habitável, e Noé, depois do corvo, também faz sair uma pomba com o mesmo objectivo (cf. *Génesis* 8. 8-11). Como Deucalião, Noé ao sair da arca faz um sacrifício (cf. *Génesis* 8. 20). Mesmo a referência à descoberta do vinho por Noé, que dá origem a um conto moral, não está tão distante como pode parecer da tradição relativa ao aparecimento do vinho entre os Gregos que é atribuída a Diónisos. Deucalião é pai de Ariadne que, ligada a Diónisos, foi mãe de vários filhos (Enópion, Toas, Estáfilo, Latrómis, Evantes, Taurópolo) que deram origem a diversas tribos que aparecem ligados à difusão do cultivo da vinha e que praticavam o culto do vinho. A própria Ariadne aparecia tam-

bém como uma espécie de deusa lua.

Outra relação possível do dilúvio bíblico com o de Deucalião: Jápeto, pai de Prometeu e avô de Deucalião, não é um nome grego e talvez corresponda ao Jafeth do *Génesis* (5. 32, 6. 10, 7. 11) que é filho de Noé. Ou pelo menos trata-se de uma estranha coincidência. M. L. West aduz os seguintes pontos de convergência: a estreita similitude do próprio nome; ambos estão indirectamente relacionados com o Dilúvio (Jafeth pelo pai Noé e Jápeto pelo neto Deucalião); um irmão de Jápeto castrou o pai e alguns pretendem que o irmão de Jafet, Cam, fez o mesmo a Noé, mas que a história bíblica – tal como a temos no *Génesis* 9. 21 – sugere uma travessura mais inocente; Jafet é o antepassado de povos do norte e nordeste, incluindo a Ásia Menor, enquanto Jápeto aparece associado (com Cronos e Reia), pelo menos no período helenístico, com deuses asiáticos⁵⁸.

Quanto à transformação das pedras em homens, não poderá derivar ou ter relação com uma lenda do próximo Oriente que pode estar subjacente na declaração dos Evangelhos de que Deus pode dar filhos, ou descendentes, a Abraão mediante a transformação das pedras do deserto? Remeto para dois passos – *Mateus* 3. 9 e *Lucas* 3. 8 – que são idênticos. Apesar de conhecidos, cito o texto do *Evangelho de Lucas*: «...não comeceis a dizer para convosco: ‘Temos por pai Abraão’, pois vos digo que Deus pode, destas pedras, suscitar filhos a Abraão».

Passemos agora a uma relação breve com a epopeia babilónica de *Atramhasis* em que o protagonista também escapa, numa arca em forma de crescente lunar, de um dilúvio enviado pela deusa Istar. De início, faz-se a distribuição de competências: o Céu cabe a Anu, Enki recebe as águas subterrâneas, Enlil fica com a Terra e os Igigu ficaram com a tarefa do trabalho da gleba. Executaram-no durante dois mil e quinhentos anos. Depois protestaram, revoltaram-se e cercaram Enlil. Trata-se da revolta contra o poder. Enlil convoca o conselho dos deuses e lança o grito de guerra contra os Igigu. A solução encontrada para o problema e saída do impasse, ao mesmo tempo, será a criação do homem para retirar o fardo dos Igigu (cf. I. 189-197):

Está aí Belêt-ili, o ventre materno.
Que o ventre materno deixe cair e crie,
então deve o homem levar o cesto do deus!»
Chamaram a deusa, perguntaram
à parteira dos deuses, à sábia Mami⁵⁹:
«Tu és o ventre materno que cria a humanidade;
cria o homem primigénio para que ele carregue o jugo!
tome sobre si o jugo, obra de Enlil,

58 - *Hesiod, Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), pp. 202-203

59 - Trata-se de um epíteto da Deusa Mãe.

o cesto do deus traga o homem!»⁶⁰

Industriada por Enki, a “Senhora dos deuses”, deusa-mãe Belê-ili, cria o homem a partir do barro a que mistura carne e sangue de um deus esquartejado. Mas a solução encontrada não resolveu a questão. Multiplicados em demasia, passados mil e duzentos anos, o barulho que os homens fazem é tanto que não deixam dormir Enlil — um motivo conhecido de outros mitos. Então os deuses resolvem dizimar drasticamente a humanidade por meio de uma “febre fria” (termo médico acadêmico é de difícil sentido ou clarificação). Mas Enki, deus protector dos homens, aconselha Atramhasis a não sacrificar aos deuses e a centrar o culto em Namtar, deus da morte e deus dos Infernos. Assim faz e consegue afastar o castigo (I, 409-413):

Chegou-lhe a farinha torrada, o sacrifício,
foi envergonhado com os dons de saudação
e sua mão retirou então.
A febre fria deixou-os,
os deuses voltaram aos seus sacrifícios⁶¹.

Passada nova série de mil e duzentos anos, perante a gritaria impossível que lhe tira o sossego, Enlil resolveu enviar uma fome e uma praga. Mas mais uma vez, e de novo conjurado com Enki, Atramhasis consegue afastar o perigo. Há ainda referência a uma terceira praga que parece também ter sido afastada da mesma forma. Então Enlil, furioso, anuncia a decisão de enviar um dilúvio, o que gera um aceso debate no conselho dos deuses, em que Enki e Nintu manifestam total discordância. E Enlil censura o deus das águas subterrâneas de estar sempre a favor dos homens. Decidido o castigo pelo dilúvio, Enki volta a trair os planos de Enlil para salvar os homens da extinção: através de um sonho a Atramhasis, revela a calamidade iminente do Dilúvio e aconselha o modo de lhe escapar: construir um barco. E nele se salva Atramhasis e a família: (III. III. 10-20):

[Como a uma bilha] quebrou seu rugido.
[...precipitou-se] o Dilúvio,
[como um *combate*], a arma mortífera veio sobre os homens.
Um irmão não podia ver seu irmão;
já se não podiam reconhecer na catástrofe.
O Dilúvio mugia como touros;
tal água assassina a ventania uivava;
as trevas eram espessas; desaparecera o sol.
Os... adejavam às voltas como moscas.

60 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 101-102.

61 - Ou seja, o sacrifício dos homens. A tradução é de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 103.

..... o rugido do Dilúvio.⁶²

Sublinhe-se o arrependimento dos deuses que dependiam do trabalho humano para sobreviverem; sublinhe-se ainda que no poema há também conflito entre dois grupos de deuses, por causa dos homens.

No poema *Enuma elish* faz-se também referência à criação do homem. O poema narra os acontecimentos cósmicos que estão na origem do universo e, ao mesmo tempo, celebra a apoteose de Marduk e a sua elevação a deus supremo, organizador do mundo e chefe do Panteão. A ascensão de Marduk a deus da cidade de Babilónia é afinal o tema principal do poema. A criação do mundo e do homem é uma parte menor da narrativa. O poema começa com uma teogonia: de início não havia Céu, nem Terra, nem deuses. Havia apenas forças aquosas primordiais: Apsu, força masculina, que simboliza as águas subterrâneas e Tiamat, força feminina, como símbolo do mar. É a união dos dois que vai dar origem aos deuses, num contínuo de gerações. Perturbados no seu sossego pelo barulho dos deuses mais recentes, Apsu e Tiamat resolvem eliminá-los. Descoberto o plano, Ea, filho de Anu e pai de Marduk, mata Apsu e aprestava-se para fazer o mesmo a Tiamat, se esta, avisada dessa intenção, não agrupasse à sua volta os deuses antigos, gerasse monstros e entregasse o seu comando a Kingu, que se torna seu novo esposo, para que chefiasse as suas forças contra os deuses novos. Estes, assustados, recuam e só Marduk aceita lutar com Kingu e as forças primordiais, mas não sem primeiro exigir que lhe dêem plenos poderes e o reconheçam como rei. Aceites as condições e intronizado Marduk, a luta pende para o lado dos deuses recentes: do desfecho da luta, além do afastamento dos poderes primitivos (o texto fala de ‘Deuses Mortos’ ou ‘Deuses Agrilhoados’) e seu envio punitivo para os locais subterrâneos ou Infernos, vai surgir também a criação do Céu e da Terra – ou seja, a criação do Universo. Depois de criado o mundo, os astros, os fenómenos atmosféricos – ou seja o universo harmonioso, em cinco ‘andares’ que são céu superior, céu intermédio, firmamento, terra e Apsu –, Marduk deixa a Ea a tarefa de dar origem ao homem, embora reserve para si o plano dessa criação e determinar a sua natureza. O deus culpado da guerra entre os deuses e dos males do mundo, Kingu, é abatido para dar a matéria de que se farão os homens, já que é a partir do seu sangue que se vai formar a humanidade (vide texto 19). Criados então os mortais por Ea, Marduk divide em seguida as divindades em deuses de cima e deuses de baixo (VI. 35-44)⁶³:

62 Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), p. 106.

63 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 117-118.

Depois que o sábio Ea criara a humanidade
e lhe impusera o serviço dos deuses
– deveras obra difícil de entender,
pois com plano hábil de Marduk Nudimud criou –
Rei Marduk dividiu os deuses,
todos os Anunnaki em grupos de cima e de baixo.
Determinou trezentos no céu para fiscalizar as ordens de Anu
e pô-los como guardiães.
A seguir regulou a organização dos Infernos:
nos céus e nos Infernos instalou seiscentos deuses.

O Dilúvio aparece ainda referido em outro famoso poema – o *Gilgamesh*, a mais famosa obra da literatura acádica e mesopotâmica, em doze cantos ou placas, que é datável da segunda metade do segundo milénio a.C.⁶⁴ É também o poema em que a descrição da catástrofe apresenta mais pontos de contacto com a narração do *Génese*. O poema trata problemas humanos que são de todos os tempos, como a hominização de Enkidu, que se torna verdadeiramente homem, graças ao encontro com a mulher; a importância da amizade, um valor imprecívvel que, simbolizado na relação entre Enkidu e Gilgamesh, leva este a recusar inclusive as propostas de amor de Istar, o que vai provocar a vingança da deusa, causando a morte de Enkidu. Privado do amigo e por isso com uma vida que, para si, não tem sentido, Gilgamesh sente o pavor da morte e inicia então um caminho de demanda da imortalidade e vence, entre outras provas, a tentação da taberneira Siduri que o alicia e o tenta desviar com as delícias desta vida. Na sua busca, tem conhecimento que Uta-napishtim foi o único a sobreviver ao Dilúvio e que por isso foi recompensado com a imortalidade. Então Gilgamesh tudo fará para conseguir chegar até ele. E é Uta-napishtim que conta o Dilúvio e refere que a calamidade aconteceu por decisão dos grandes deuses – Anu, Enlil, Ninurta, Enmugi (XI. 13-18). Foi Ea, que tinha assento entre eles, que revelou a Uta-napishtim o que fora determinado e o aconselhou a construir um barco, onde carregará víveres, haveres, os animais (um de cada espécie), os artífices que trabalharam na obra. Ao chegar o tempo determinado e ao olhar o aspecto carregado do tempo, «medonho de se ver» (XI. 91-92), Uta-napishtim entra no barco e cerra a porta. Então a tempestade desaba durante «seis dias e sete noites: «sopra o vento diluviano, a tormenta varre a terra» (XI. 127-128), as águas tudo submergem. Ameaça não ser apenas o fim e destruição da humanidade, assume proporções cósmicas, atinge Céu e Infernos, assusta os próprios deuses (XI.96-115):

64 - A versão standardizada do poema é datável de 1800 a 800 a. C., talvez de c. 1250 a.C., embora entre 1400 e 1300 a.C.já houvesse, fora da Mesopotâmia, versões e adaptações em acádico. Vide José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 143-144.

Surgindo a primeira claridade da aurora,
eis que do horizonte se eleva uma nuvem negra,
dentro dela Adad⁶⁵ ribomba sem cessar;
Sullat e Hanish marcham à frente⁶⁶,
rompendo como arautos sobre montes e planuras.
Nergal derruba as colunas (dos diques celestes);
avança Ninurta e faz ruir as barragens (do céu)⁶⁷.
Os Anunnaki brandem tochas,
com sua claridade a terra abrasam.
Silêncio ominoso de Adad percorre o céu
e torna em trevas quanto era luz.
Quebram-se as fundações da terra como um pote,
ruge a tormenta um dia inteiro,
sopra em fúria e empurra a inundação
que, tal escaramuça, arrasta os homens.
Ninguém vê seu companheiro,
nem do céu se enxerga o povo.
Aterram-se os deuses com este Dilúvio,
afastam-se e sobem até ao céu de Anu;
os deuses, acocorados como cães,
ficam sentados de fora (do mundo).⁶⁸

Isthar arrepende-se de ter colaborado com a decisão divina, os deuses choram, sem saber ainda que havia humanos sobreviventes.

Depois de se aquietarem as águas, de serenar «o vento mau», de cessar o dilúvio, Uta-napishtim abriu o postigo da barca, sentiu o ar fresco entrar-lhe no nariz, observou o tempo e notou que «reinava o silêncio», que «toda a humanidade tinha voltado ao barro» (XI. 131-134). Ajoelha, chora copiosamente, perscruta a distância a ver se distingue terra. Ao lobrigar ao longe uma nesga, leva o barco até lá e aí o acosta, ao Monte Nisir. No sétimo dia, solta uma pomba que «partiu e (depois) voltou; / não vendo lugar de poiso, tinha dado meia volta». Em seguida manda uma andorinha que «partiu e (depois) voltou», também por não encontrar lugar de poiso. Por fim, envia um corvo que «partiu e, vendo as águas descidas, / come, volita, crocita e não dá meia volta» (XI. 144-153).

Certificado de que as águas haviam abandonado a terra, Uta-napishtim abandona o barco e, no alto do monte, faz um sacrifício e libações aos deuses. Estes, ao sentir «o odor agradável», como moscas se apinham à volta do sacrifício (XI. 159-161). Os deuses, satisfeitos

65 - Adad é o deus da tempestade.

66 - Sullat e Hanish são uma espécie de resíduos ou sedimentos do deus Sol, Shamash.

67 - Nergal é o deus das profundidades subterrâneas ou Infernos; Ninurta o da violência e da guerra.

68 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, pp. 160-161.

com a salvação da humanidade – de outro modo, não teriam servos da Terra nem sacrifícios – arrependem-se de ter concordado com o dilúvio, Istar e Ea acusam Enlil de ter mandado aos homens um castigo desproporcionado, e de não distinguir justos e culpados. Em consequência, chegam a propor que Enlil não tenha parte nos odores dos sacrifícios feitos pelos homens, nem dos aromas do incenso que queimam (XI. 161-188). Então Enlil – que primeiro se revoltara, ao notar que havia humanos salvos do Dilúvio – arrepende-se também, toma Uta-napishtim e a mulher, abençoa-os e torna-os imortais (XI. 189-196):

Enlil entrou então no barco;
tomou-me pela mão e fez-me entrar.
Mandou (também) entrar e ajoelhar minha mulher a meu
[lado.
Tocou nossas frentes e, de pé entre nós, abençoou-nos:
«Antes, Uta-napishtim era de condição humana.
Agora, que ele e sua mulher sejam como nós, deuses!
Que Uta-napishtim more lá longe, na embocadura dos rios!»
Tomaram-me e instalaram-me lá longe, na embocadura
[dos rios.⁶⁹

Protagonista de uma experiência que se não repete, Uta-napishtim só pode dar a Gilgamesh conselhos e indicar as provas e escolhas que tem de fazer, para tentar conseguir superar e vencer a morte: superar o sono, e o herói tenta, sem conseguir, aguentar sete dias sem dormir; ir ao poço da juventude, onde Gilgamesh se lava na água, em vez de a beber; obter a planta da Vida que, antes da chegada do herói ao local, é colhida por uma serpente que, sorrateira, sobe da terra e de imediato perde a pele velha (XI. 287-289).

Gilgamesh viu um poço cujas águas eram frescas.
Desceu dentro a banhar-se na água.
Uma serpente sentiu o odor da planta
Sorrateiramente subiu da terra e levou a planta
e imediatamente lançou fora a (velha) pele.⁷⁰

Tudo tentativas vãs, goradas todas. E Gilgamesh regressa a Uruk de mãos vazias, perdida a última esperança na boca da serpente – a da Árvore da Vida.

E assim o poema *Gilgamesh* narra «o risco de existir imposto ao homem», é a «tragédia de um homem lendário com que o leitor se identifica», porque «tragédia de todo o homem sujeito à vontade dos deuses, ao destino e à morte»⁷¹. A morte de Enkidu desperta em Gilgamesh a consciência da precariedade da vida. E o herói sente revolta ante a fatalidade da

69 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 164.

70 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 165.

71 - Vide José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), p. 145.

morte. São disso exemplo estes versos proferidos pelo próprio Gilgamesh (IX. IV. 31-33)

Por medo da morte é que eu erro no deserto;
com angústia no coração caminhei até aqui,
rosto crestado da humidade e do grande sol...⁷²

Fascinantes são estes confrontos. Sedutores também os paralelismos que podem ser estabelecidos, não apenas com o Antigo Testamento (o *Génesis*) ou com narrativas da Ásia Menor e da Mesopotâmia, mas ainda com outros povos variados: da Índia ou da China, da Europa ou da África, da Terra do Fogo ou da Amazônia, da América do Norte ou da América do Sul, de muitos outros povos. O livro *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro*, dirigido e coordenado por Manuel Hermínio Monteiro e publicado pela Assírio & Alvim (Lisboa, 2001) apresenta várias narrações sobre a criação do homem, em prosa ou em verso, provenientes de diversificados povos. Aos interessados em comparações e confrontos aconselha-se o manuseamento das primeiras páginas desta obra (pp.1-108).

72 - Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), p. 154.

BIBLIOGRAFIA

Manuel Antunes, «Mito», in *Enciclopédia Verbo*.

W. Burkert, *Structure and history in Greek mythology and ritual* (California Univ. Press, 1979).

W. Burkert, *Mito e mitologia* (trad. port. de M.H. Rocha Pereira, Lisboa, Edições 70, 1991).

José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002).

J. Duchemin, *Prométhée. Histoire du mythe* (Paris, 1974).

R. Graves, *Os mitos gregos* (trad. port. Lisboa, Dom Quixote, 1990).

P. Grimal, *Dicionário de mitologia grega e romana* (trad. port. Lisboa, Difel, 1992).

E. Hamilton, *A mitologia* (Lisboa, Dom Quixote, 1983), pp. 36-37, 70-83, 103-108, 118-123, 146-150, 299-328.

The Oxford classical dictionary, ed. by N. G. L. Hammond and H. H. Scullard (Oxford Univ. Press, 1970, repr. 1989).

G. S. Kirk, *Myth. Its meaning and function in ancient and others cultures* (Cambridge Univ. Press, 1970), caps. III e IV..

G. S. Kirk, *The nature of Greek myths* (London, Penguin, 1974).

G. S. Kirk, J. E. Raven and M. Shofield, *The Presocratic Philosophers* (Cambridge, 1983), cap. 1. Trad. port.: *Os Filósofos Pré-Socráticos* (Lisboa, 1994), pp.1-70.

S. G. Pembroke, «Myth», in M. I. Finley (ed.), *The legacy of Greece* (Oxford Univ. Press, 1981), cap. 10.

Reynal Sorel, *As Cosmogonias Gregas* (trad. port., Lisboa, 1996).

ANTOLOGIA DE TEXTOS

1- Apolónio de Rodes, Argonautas 1. 494-511:

..... Então Orfeu
toma a lira na mão esquerda e experimenta o canto.
Cantou como a terra e o céu e o mar,
outrora fundidos uns com os outros numa única forma,
após funesta discórdia, cada um se separou;
como fixou para sempre no éter a meta
às estrelas e aos giros de Selene e de Hélios;
como surgiram as montanhas e os rios ressoantes,
com suas Ninfas, nasceram, e todos os animais.
Cantou também como no início Ofíon e Eurínome,
a Oceânide, ocuparam o Olimpo coberto de neves;
como, vencidos pela força de seus braços, cederam a honra
a Cronos e a Reia e mergulharam nas ondas do Oceano.
E estes então governaram entre os Titãs, deuses bem-aventurados,
enquanto Zeus, ainda adolescente, a revolver coisas pueris no
[espírito,
habitou a gruta de Dicte; não o tinham ainda
510 fortalecido os Ciclopes, nascidos da terra, com o raio,
o trovão e o relâmpago – armas que deram força a Zeus.

2- Ilíada 14. 198-204:

Dá-me agora o amor e o desejo com que tu a todos
subjugas, tanto os imortais, como os homens mortais.
É que vou visitar, nos confins da terra fecunda,
Oceano, génese dos deuses, e a mãe Tétis,
Que em suas moradas me criaram bem e me estimaram,
recebendo-me das mãos de Reia, quando Zeus de voz potente
precipitou Cronos sob a terra e sob o mar estéril.
Vou visitá-los, para ver se ponho fim às suas indecisas querelas.

3- Ilíada 14. 258-262:

E Zeus ter-me-ia lançado do éter ao mar, para longe,
se a Noite, dominadora dos deuses e dos homens, não me
[salvasse.
Para ela vim em fuga, e Zeus deteve-se, apesar da cólera,
pois receava fazer algo que desagradasse à Noite veloz.

4- Mimnermo, fr. 12 West:

Ao Sol coube em sorte trabalhar todo o dia,

sem ter descanso algum,
para ele ou para os cavalos, desde que a Aurora de dedos
[róseos
abandona o Oceano, para subir ao Céu.
Leva-o através das ondas o leito côncavo
e encantador, forjado, pelas mãos de Hefestos,
ornado de ouro, e alado; vai célere, a dormir sobre as águas,
desde as Hespérides à terra dos Etíopes,
onde estão o carro veloz e os cavalos,
até chegar a Aurora, filha da manhã.
Então sobe para o seu carro o filho de Hipérion.

Tradução de M.H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, 92005), p. 129.

5- Platão, Crátilo 402b:

Oceano de bela corrente foi o primeiro a iniciar os casamentos,
ele que desposou Tétis, sua irmã pelo lado materno⁷³.

6- Platão, Timeu 40e

7- Aristóteles, em *Metafísica* 12, 1071b 27 e 14, 1091b 4

8- Aristófanes, *Aves* 693-702:

Ao princípio era o Caos, a Noite, o negro Érebo e o vasto
[Tártaro.
Não existia a Terra, o Ar nem o Céu. No seio ilimitado do Érebo,
a Noite de negras asas gerou, primeiro que tudo, um ovo sem
[germe,
donde, com o volver das estações, nasceu o almejado Eros,
de dorso faiscante com asas douradas, semelhante aos
[torvelinhos velozes como o vento.
Foi ele que, unindo-se de noite ao Caos alado, no vasto Tártaro,
criou a nossa raça e a fez vir à luz em primeiro lugar.
De início não existia a raça dos imortais, antes que Eros tudo
[unisse.
À medida que se misturavam uns com os outros, nasceu o Céu e
[o Oceano,
a Terra e a raça imorredoura dos deuses bem-aventurados.

Tradução de M.H. Rocha Pereira, *Hélade*, pp. 362-363.

⁷³ - Estes dois versos, citados de Platão, não devem ser anteriores ao séc. V a. C. Vide G.S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos* (trad. port. Lisboa, Gulbenkian, 41994), p. 10.

9- Papiro de Derveni, (cols. X, vii).

10- Génesis 1. 1-11:

No princípio criou Deus o céu e a terra.

E a terra estava vasta e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo: e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz. E houve luz.

E viu Deus que a luz era boa: e fez Deus separação entre a luz [e entre as trevas.

E Deus chamou a luz dia e as trevas chamou noite: e foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

E disse Deus: Haja um estendimento no meio das águas, e faça separação entre águas e águas.

E fez Deus o estendimento, e fez separação entre as águas que estão debaixo do estendimento, e entre as águas que estão sobre estendimento: e foi assim.

E Deus chamou o estendimento, céu: e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo do céu em um lugar, e apareça o seco. E foi assim.

E Deus disse: A terra produza erva verde, erva que dá semente, árvores frutuosas que dão fruto segundo sua espécie, cuja semente esteja nelas sobre a terra. E foi assim.

Tradução de João Ferreira Anes d' Almeida,

Bíblia Ilustrada (Lisboa, 2006), p. 19.

11- Hesíodo, Teogonia 116-138:

Primeiro que tudo houve o Caos, e depois

a Terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto existe,

e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,

que amolece os membros e no peito de todos os homens e

[deuses,

domina o espírito e a vontade esclarecida.

Do Caos nasceram o Érebo e a negra Noite

e da Noite, por sua vez, o Éter e o Dia.

A Terra gerou primeiro o Céu constelado,

com o seu tamanho, para que a cobrisse por todo

e fosse para sempre a mansão segura dos deuses

[bem-aventurados.

Gerou ainda as altas Montanhas, morada aprazível

das deusas Ninfas, que habitam os montes cercados de vales.

Ela gerou ainda o pélagos estéril, de ondas impetuosas,

o Mar, sem o desejo do amor. Mas em seguida

da ligação com o Céu gerou Oceano, de profundos redemoinhos,

e Coios, Crios, Hipérion e Jápeto,

Teia, Reia, Témis e Mnemósine,

Febe de áurea coroa e a amorosa Tétis.

E depois destes nasceu o bem armado Cronos, de funestos

[pensamentos,

o mais terrível dos filhos, que detestou o pai florescente.⁷⁴

12- Ovídio, *Metamorfoses* 1. 5-419

13- Apolodoro, *Biblioteca* 1. 1-2

Urano foi o primeiro rei de todo o Cosmos. Desposou a Terra e gerou em primeiro lugar os seres chamados Hacatonquiros: Briareu, Gies e Cotos, que eram insuperáveis na estatura e na força e tinham, cada um, cem braços e cinquenta cabeças.

1. 2 Depois deles, a Terra deu-lhe os Ciclopes: Arges, Estéropes e Brontes, cada um dos quais tinha um olho apenas no meio da testa. A todos eles, porém, Urano encadeou e lançou no Tártaro – um lugar tenebroso no Hades que se encontra a uma distância da Terra, como a Terra estado Céu.

1. 3 E de novo gerou da Terra filhos, os chamados Titãs: Oceano, Coios, Hipérion, Creios, Jápeto e Cronos, o mais novo de todos; gerou também filhas que são apelidadas Titânides: Tétis, Reia, Témis, Mnemósine, Febe, Dione, Teia.

1. 4 A Terra, indignada pela perda dos filhos arremessados para o Tártaro, persuadiu os Titãs a castigar o pai e entregou a Cronos uma foice adamantina. E eles, com exceção de Oceano, atacaram-no e Cronos cortou os órgãos genitais do pai e arremessou-os ao mar. Das gotas do sangue que corria, nasceram as Irínias: Alecto, Tisífone e Megera⁷⁵. Despojado o pai do poder, libertaram os irmãos que haviam sido encerrados no Tártaro e entregaram a soberania a Cronos.

1. 5 Este, porém, do novo os encerrou no Tártaro, presos por cadeias, e desposou a irmã Reia. E porque a Terra e Urano haviam predito que ele seria destronado por um dos seus próprios filhos, Cronos devorava-os à medida que nasciam. Devorou Héstia, a que primeiro nasceu; em seguida Deméter e Hera; e depois destas, Plutão e Poséidon.

1. 6 Indignada com estes actos, Reia mudou-se para Creta, quando ficou grávida de Zeus, e deu-o à luz numa gruta do Monte Dicte. E entregou-o aos Curetas e às filhas de Melisseu, as Ninfas Adrasteia e Ida, para que dele cuidassem.

1. 7 Elas alimentaram a criança com leite de Amalteia, enquanto os Curetas, armados, guardavam o recém-nascido na gruta e percutiam os escudos com as lanças, para que Cronos não escutasse os vagidos da criança. E Reia envolveu em faixas uma pedra e deu-a a Cronos para a devorar como se fora o filho acabado de nascer.

2. 1 Quando Zeus cresceu, obteve a ajuda de Métis, filha de Oceano, que lhe deu um fármaco para propinar a Cronos. Pelo seu efeito, ele foi obrigado a vomitar primeiro a pedra e depois os filhos que engolira. Com o apoio deles, Zeus move guerra contra Cronos e os Titãs. Combatendo eles já há dez anos, a Terra predisse a Zeus a vitória se ele tivesse como aliados os seres encerrados no Tártaro. E ele, depois de matar Campe que os guardava, libertou-os das cadeias. E então os Ciclopes deram a Zeus o trovão, o relâmpago e o raio; a Plutão o elmo; e a Poséidon o tridente. Munidos com estas armas, eles dominaram os Titãs e, depois de os encerrarem no Tártaro, colocaram os Hacatonquiros como guardas. E depois eles lançaram sortes sobre os poderes: a Zeus tocou o governo do Céu, a Poséidon calhou a soberania no mar, a Plutão a do Hades.

2. 2 E esta foi a descendência dos Titãs: de Oceano e Tétis nasceram as Oceânides que são Ásia, Estige, Electra, Dóride, Eurínome, [Anfitrite], Métis; de Coios e Febe, Astéria e Latona; de Hipérion e Teia, Eos (a Aurora), Hélios, Selene; de Creios e da filha de Pontos Euríbia, Astreio, Palas, Perses;

2. 3 De Jápeto e Ásia nasceram Atlas – que segura o Céu nos seus ombros – e ainda Prometeu,

⁷⁴ - A tradução dos versos 116-130 é de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, ⁹2005), p. 108. A dos restantes á minha.

⁷⁵ - Cf Hesíodo, *Teogonia* 156-190.

Epimeteu e Menécio, que Zeus fulminou com um raio na batalha contra os Titãs e sepultou no Tártaro.

2. 4 Cronos e Fílira geraram Quíron, o Centauro de dupla natureza. Eos e Astreio originaram os ventos e os astros. De Perses e Astéria nasceu Hécate; de Palanto e Estige nasceram Nike (Vitória), Kratos (Força), Inveja, Violência.

2. 5 E Zeus criou o juramento em nome da água de Estige que corre de uma rocha no Hades, e deu-lhe tal honra porque, com os seus filhos, o havia ajudado na guerra contra os Titãs.

2. 6 De Pontos e da Terra nasceram Fórcis, Taumas, Nereu, Euríbia, Ceto; de Taumas e de Electra, Íris e as Harpias que são Aelo e Ocípete; de Fórcis e de Ceto, as Fórcides e as Górgonas, de que falaremos quando tratarmos das façanhas de Perseu.

2. 7 De Nereu e de Dóride nasceram as Nereides, que têm estes nomes: Cimótoe, Espeu, Glaucónome, Nausítoe, Ália, Erato, Sao (Salvadora), Anfitrite, Eunice, Tétis, Eulímene, Agave, Eudora, Doto, Ferusa, Galateia, Acteia, Pontomedusa, Hipótoe, Lisianassa, Cimo, Eione, Halimede, Plexaure, Eucrante, Proto, Calipso, Pânope, Cranto, Neoméris, Hipónoe, Ianira, Polínome, Autónoe, Mélite, Dione, Neseia, Dero, Evágora, Psâmate, Eumolpe, Íone, Dinamene, Ceto, Limnoreia.

14- Poema de Atramhasis 1. 189-197:

Está aí Belêt-ili, o ventre materno.

Que o ventre materno deixe cair e crie,
então deve o homem levar o cesto do deus!»

Chamaram a deusa, perguntaram

à parteira dos deuses, à sábia Mami⁷⁶:

«Tu és o ventre materno que cria a humanidade;
cria o homem primigénio para que ele carregue o jugo!
tome sobre si o jugo, obra de Enlil,
o cesto do deus traga o homem!»

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 101-102.

15- Poema de Atramhasis I. 409-413:

Chegou-lhe a farinha torrada, o sacrifício,
foi envergonhado com os dons de saudação
e sua mão retirou então.

A febre fria deixou-os,
os deuses voltaram aos seus sacrifícios⁷⁷.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 103.

16- Poema de Atramhasis III. II. 48-55:

Mudou o aspecto do dia.

76 - Trata-se de um epíteto da Deusa Mãe.

77 - Ou seja, o sacrifício dos homens.

Adad entrou a rugir nas nuvens.
Ouviram a voz do deus;
betume foi então trazido, para ele vedar a porta.
Depois de fechar a porta,
Adad continuava a rugir nas nuvens.
Bramia o vento a levantar-se;
cortou a amarra e soltou o barco⁷⁸.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 106.

17- Poema de Atramhasis III. III. 10-20:

[Como a uma bilha] quebrou seu rugido.
[...precipitou-se] o Dilúvio,
[como um *combate*], a arma mortífera veio sobre os homens.
Um irmão não podia ver seu irmão;
já se não podiam reconhecer na catástrofe.
O Dilúvio mugia como touros;
tal águia assassina a ventania uivava;
as trevas eram espessas; desaparecera o sol.
Os... adejavam às voltas como moscas.
o rugido do Dilúvio.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 106.

18- Enuma Elish 1. 1-16:

Quando no alto o *céu* ainda não existia,
em baixo terra firme ainda não surgira,
havia Apsu⁷⁹, o primordial, seu criador,
e criadora Tiamat, que a todos gerou;
havam misturado as suas águas,
antes de se unir terra de pastagem e se achar junco —
antes de nenhum dos deuses formado
ou aparecido ser, os destinos imprecisos —
os deuses nelas (águas do caos) foram então criados:
Lahmu e Lahamu foram formados e surgiram.
Enquanto cresciam em idade e estatura,
Anshar e Kishar⁸⁰ foram formados, superando os outros.
Prolongaram os seus dias, acrescentaram os anos.
Anu⁸¹, seu filho, podia medir-se com seus pais.
Anshar assemelhava-se a Anu.
Igualmente Anu à sua imagem gerou Nudimud⁸²

78 - É Atramhasis quem corta a amarra e solta o barco.

79 - Águas doces, subterrâneas.

80 - "Totalidade do alto" e "Totalidade de baixo", respectivamente.

81 - "Deus do céu".

82 - Outro nome de Ea, deus da sabedoria e, aqui, dos abismos.

19- Enuma elish VI. 1-44:

Quando Marduk ouviu o discurso dos deuses,
veio-lhe o desejo de criar obras de engenho.
Abriu a boca para falar a Ea,
o que tinha planeado no coração dá-lhe a saber:
«Sangue quero juntar e formar ossos,
quero chamar Lullu⁸³ à vida, “homem” será seu nome.
Homem-Lullu, sim, quero criar;
nos seus ombros será posta a fadiga dos deuses,
para que estes tenham descanso.
As vidas dos deuses com engenho hei-de mudar:
honrados embora em comum, em dois grupos serão divididos.»
Respondeu Ea, dizendo-lhe uma palavra
e fazendo suas observações sobre o descanso dos deuses:
«Um de seus pares seja entregue.
Que ele pereça, para se criarem homens.
Congreguem-se os grandes deuses em assembleia,
entregue-se o culpado e eles sejam confirmados.»
Marduk reuniu os grandes deuses em assembleia,
para, com instruções graciosas, dar a ordem.
Quando falou, escutaram-no os deuses com respeito;
o rei dirigiu uma palavra aos Anunnaki:
«Vosso anterior juramento era bem de confiança,
(por isso) me declarai ora a santa verdade:
Quem foi que instigou à guerra,
que levou Tiamat a revoltar-se e pôs a luta em andamento?
Seja entregue o que instigou à guerra,
para eu lhe cominar o castigo; quanto a vós, serás em paz!»
Replicaram-lhe os Igigi, os grandes deuses,
a Lugaldimmerankia⁸⁴, dos deuses conselheiro, seu senhor:
«Foi Kingu que instigou à guerra
e levou Tiamat a revoltar-se e pôs a luta em andamento.»
Ataram-no em grilhões e seguraram-no face a Ea;
infligiram-lhe o castigo e cortaram seu sangue⁸⁵.
Do sangue dele criou (Ea) a humanidade,
dos deuses lhe impôs o serviço e aos deuses libertou.
Depois que o sábio Ea criara a humanidade
e lhe impusera o serviço dos deuses
– deveras obra difícil de entender,
pois com plano hábil de Marduk Nudimud criou –
Rei Marduk dividiu os deuses,
todos os Anunnaki em grupos de cima e de baixo.

83 - Lullu, em sumério, significa ‘homem’.

84 - Epíteto que significa ‘Rei-dos-deuses-do-céu-e-da-terra’.

85 - Quer significar ‘os vasos sanguíneos’.

Determinou trezentos no céu para fiscalizar as ordens de Anu e pô-los como guardiães.
A seguir regulou a organização dos Infernos:
nos céus e nos Infernos instalou seiscentos deuses.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 117-118.

20- Gilgamesh XI. 96-115:

Surgindo a primeira claridade da aurora,
eis que do horizonte se eleva uma nuvem negra,
dentro dela Adad⁸⁶ ribomba sem cessar;
Sullat e Hanish marcham à frente⁸⁷,
rompendo como arautos sobre montes e planuras.
Nergal derruba as colunas (dos diques celestes);
avança Ninurta e faz ruir as barragens (do céu)⁸⁸.
Os Anunnaki brandem tochas,
com sua claridade a terra abrasam.
Silêncio ominoso de Adad percorre o céu
e torna em trevas quanto era luz.
Quebram-se as fundações da terra como um pote,
ruge a tormenta um dia inteiro,
sopra em fúria e empurra a inundação
que, tal escaramuça, arrasta os homens.
Ninguém vê seu companheiro,
nem do céu se enxerga o povo.
Aterram-se os deuses com este Dilúvio,
afastam-se e sobem até ao céu de Anu;
os deuses, acorados como cães,
ficam sentados de fora (do mundo).

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 160-161.

21- Gilgamesh XI. 131-161:

Aquietou-se o mar, serenou o vento mau, cessou o Dilúvio.
Abri um postigo e o ar vivo caiu-me pelo nariz dentro.
Observei o tempo: reinava o silêncio;
toda a humanidade tinha voltado ao barro;
como um tecto, a planície húmida estendia-se uniforme.
Ajoelhei-me e, imóvel, choro;
ao longo do nariz correm-me as lágrimas.
Busquei com o olhar as margens nos confins do mar;
a doze vezes doze canas duplas emergia uma nesga de terra.

86 - Adad é o deus da tempestade.

87 - Sullat e Hanish são uma espécie de resíduos ou sedimentos do deus Sol, Shamash.

88 - Nergal é o deus das profundidades subterrâneas ou Infernos; Ninurta o da violência e da guerra.

A este monte Nisir acostou o barco.
O monte Nisir reteve o barco e não o deixou fugir.
Um quinto e um sexto (dias),
o monte Nisir reteve o barco e não o deixou fugir.
Ao chegar o dia sétimo,
soltei uma pomba e larguei-a.
A pomba partiu e (depois) voltou;
não vendo lugar de pouso, tinha dado meia volta.
Soltei uma andorinha e deixei-a livre.
A andorinha partiu e (depois) voltou;
Não vendo lugar de pouso, tinha dado meia volta.
Soltei um corvo e deixei-o livre.
O corvo partiu e, vendo as águas descidas,
come, volita, crocica e não dá meia volta.
Soltei na direcção dos quatro pontos cardeais
e fiz um sacrifício (aos deuses).
Pus uma oferenda sobre o cume da montanha
(e) dispus sete e sete vasos rituais,
em cuja base verti acora, cedro e murta.
Os deuses sentiram o odor,
os deuses sentiram o odor agradável;
os deuses, como moscas, apinharam-se à volta do sacrifício.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 162.

22- Gilgamesh XI. 189-196:

Enlil entrou então no barco;
tomou-me pela mão e fez-me entrar.
Mandou (também) entrar e ajoelhar minha mulher a meu lado.
Tocou nossas frentes e, de pé entre nós, abençoou-nos:
«Antes, Uta-napishtim era de condição humana.
Agora, que ele e sua mulher sejam como nós, deuses!
Que Uta-napishtim more lá longe, na embocadura dos rios!»
Tomaram-me e instalaram-me lá longe, na embocadura dos rios.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 164.

23- Gilgamesh XI. 285-289:

Gilgamesh viu um poço cujas águas eram frescas.
Desceu dentro a banhar-se na água.
Uma serpente sentiu o odor da planta
Sorratamente subiu da terra e levou a planta
e imediatamente lançou fora a (velha) pele.

Tradução de José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia*, p. 165.

NOTA: Os confrontos podem ser complementados com outros trechos dos poemas babilônicos *Atrahasis* e *Enuma Elis*⁸⁹, e da epopeia de *Gilgamesh*⁹⁰.

89 - José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 99-121; J.B. Pritchard (ed.), *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament* (Princeton, 1969), 61.

90 - José Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), pp. 143-166.

